

Podemos conhecer um arco e flecha no museu,
admirá-lo, mas a maneira eficaz de preservá-lo
é fabricá-lo e caçar.

Ter um livro de receitas da culinária indígena
é uma riqueza sem preço, mas cozinhar e comer
é sentir o verdadeiro sabor de nossa cultura.

Ouvir uma música é muito prazeroso,
mas saber sua letra, cantá-la é sentir esta arte
em toda sua dimensão do sentimento humano.

Nhenety Kariri-Xocó

Realização:

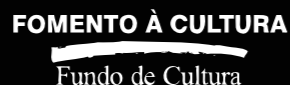


THYDÉWÁ

Apoio Financeiro:



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA



FUNDO DE CULTURA

SECRETARIA DE
CULTURA

SECRETARIA DA
FAZENDA



Bahia
GOVERNO
TERRA DE TODOS NÓS

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

SOMOS PATRIMÔNIO

SOMOS PATRIMÔNIO



ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

SOMOS PATRIMÔNIO



THYDÉWÁ

Este livro conta com mais de 40 indígenas de 10 etnias, de 5 estados do Brasil, como autores. Os indígenas escreveram, desenharam, tiraram fotos, entrevistaram ou foram entrevistados. Como responsáveis pelas suas opiniões os indígenas geraram muito conteúdo, neste livro selecionamos 31 matérias.

A tecnologia social ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS é uma realização da ONG Thydêwá, com a coordenação de Sebastián Gerlic que, com esta publicação, realiza seu décimo sexto título: SOMOS PATRIMÔNIO

Organização: Sebastián Gerlic

Facilitadores dos processos de produção de conteúdo (2009 a 2011): Jaborandy Tupinambá, Alessandra Giroto, Constance Launay, Lucile Mitard, Maria Pankararu e Sebastián Gerlic.

Consultoria: Derval Cardoso Gramacho

Projeto Gráfico: Hipólito Cruz / Erivan Mascate

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Gerlic, Sebastián (Org.)
Índios na visão dos índios: Somos Patrimônio
Salvador: Thydêwá, 2011

1º edição



Você pode copiar este livro ou trechos do mesmo, devendo citar o nome completo do livro e dar os créditos ao/aos autor/es. Não pode usá-lo de forma comercial ou criar obras derivadas deste sem autorização escrita. Este livro pode ser vendido por indígenas participantes do projeto e ou pela ONG responsável.

Somos patrimônio	Nhenety Kariri-Xocó (AL)
Água com fé	Dora Pankararu (PE)
O coração de Deus	Manuel Monteiro da Luz Pankararu (PE)
Consolando a Mãe terra	Fabio Baenã Pataxó Hãhãhãe (BA)
Educação de valores Maya	Tupinambá Pataxó Hãhãhãe (BA)
O que meus pais contavam	Antonio Cícero da Silva Truká (PE)
Do jeito que eu vivo me sinto bem	Seu Procópio Truká (PE)
É bom mostrar quem nós somos	Edite e José Miguel da França Kiriri (BA)
Barro é coisa de Deus	Puba, Gringo e Juracy Tupinambá (BA)
Caruá	Dona Lurdes e Cícera Truká (PE)
Jurema Sagrada	Tawanã Kariri-Xocó (AL)
O Toré nos ensina tudo	Seu Antonio e Dona Lurdes Truká (PE)
Nosso Rio	Seu Dudu Truká (PE)
Toponímia	Nhenety Kariri-Xocó (AL)
Menino do Rancho	Maria Pankararu (PE)
Porancim	Jaguatey Tupinambá de Olivença (BA)
Filhos da Terra	Jamopoty Tupinamba de Olivença (BA)
Se não fossem os mais velhos...	Cícero Brasilino Truká (PE)
Mão que vai, mão que vem	Seu Gino Kiriri (BA)
Lutando e resistindo	Maura, Judite e Fabio Pataxó Hãhãhãe (BA)
A riqueza de um povo	Irembé Potiguara (PB)
o colonizador expropriou o índio de seu patrimônio	Potyra Tê Tupinambá (BA)
Itatim	João Mbya Guarani (RJ)
O digital na defesa do patrimônio	Potyra e Jaborandy Tupinambá (BA)
Patrimônio de longa data	Grupo de Pataxó Hãhãhãe (BA)
A terra é tudo para nós	Caboco Truká (PE)
Nós Temos uma forma própria de organização social	Arurã Pataxó (BA)
Ao encontro dos Tamuya	Aracy Tupinambá de Niterói (RJ)
Somos Indígenas	Luciana Bispo dos Santos Truká (PE)
Retomada na Educação	Iranilda Truká (PE)
Afirmando nossa cultura	Wekanã Pataxá (BA)

Várias comunidades indígenas, com o apoio da ONG Thydêwá e seus parceiros, vêm realizando trabalhos de educação patrimonial, dentro e fora das próprias comunidades. Vêm realizando encontros de cruzamento de saberes, oficinas de expressão; facilitando a produção de livros, vídeos, CDs, internet...



Na foto, os Pankararu no dia do lançamento do seu CD: "Toantes, Buzio e Toré", dentro da sua aldeia, no terreiro do Poente.

Na foto, um grupo Kariri-Xocó, em Maceió, após as atividades de diálogo intercultural com pessoas da sociedade.



Para conhecer, seguir e interagir com o movimento acesse:

www.indigenasdigitais.org

SOMOS PATRIMÔNIO

Podemos conhecer um arco e flecha no museu, admirá-lo, mas a maneira eficaz de preservá-lo é fabricá-lo e caçar.

Ter um livro de receitas da culinária indígena é uma riqueza sem preço, mas cozinhar e comer é sentir o verdadeiro sabor de nossa cultura.

Ouvir uma música é muito prazeroso, mas saber sua letra, cantá-la é sentir esta arte em toda sua dimensão do sentimento humano.

Temos uma Gramática da Língua Brasília da Nação Indígena Kariri, escrita pelo Padre Luis Vicêncio Mamiani, da Companhia de Jesus, em 1699; agradecemos pelo registro desta obra, mas lamentamos muito por não falar mais nossa língua materna, considerada morta pela linguística acadêmica, por não falarmos nem o dialeto.

Registrar, reformar, restaurar não é suficiente para preservar uma cultura, mas praticá-la é garantir a sua sobrevivência. A forma para manter um patrimônio cultural vivo é continuar a praticar um costume, a confeccionar um produto com aquele estilo próprio do povo, fazer circular um conhecimento. Porque o patrimônio é o ser humano ativo em sua cultura, atuante no dia a dia.

Nhenety Kariri-Xocó

Acho que quem me pegou foi Mãe Chiquinha... Foi com ela mesma que comecei a acompanhar o trabalho de parteira... Observando, aprendi a segurar, a cortar o cordão, a fazer a placenta sair... Eu tinha 19 anos quando fiz o meu primeiro parto sozinha... E hoje estou chegando aos mil partos.

Tia Quitéria Binga me ensinou muita coisa. Até conseguiu um estágio no hospital para mim, para que eu pudesse ver e aprender um pouco com a ciência da cidade.

Mas quem me ensinou muito foi Mãe Chiquinha. Uma vez nós enfrentamos um parto difícil, pois a mulher estava com sangramento forte. Daí Mãe Chiquinha disse: bote água para esquentar. Bote a água morna em um prato e bata *no contrário*. Aí eu comecei a bater e bater, bater *aos avessos*. Ela deu a água à mulher e o sangramento foi parando, parando... Por isso eu digo: até água com fé resolve.

Nós trabalhamos aqui é com fé. A gente se concentra, fica calada, pede silêncio, e pede a Deus para correr tudo bem. Eu pego meu *campiôzinho* e dou uma fumada. Aí tem um momento de só eu, Deus e a força encantada. Então, quando tem que fazer o parto no hospital fica mais difícil para fazer minha devoção. Por exemplo, no hospital as pessoas falam muito e é proibido fumar meu *campiô*.

O parto natural é a coisa mais linda que tem.

Muitos parteiros de hospital ficam me perguntando como é que eu faço, o que eu dou antes do parto, o que dou durante e o que dou depois. E eu digo: dê água com fé que faz efeito.

Aqui é muito difícil uma mulher ir para o hospital parir. Quando eu vejo que não dá para mim eu mesmo acompanho a mulher até o hospital. Estava com uma mulher para parir, daí alguém me veio em sonhos e me disse: faça o que você está pensando! Eu estava pensando em levar a mulher para o hospital. Foi dito e certo,

Água com Fé

se eu tivesse tentado fazer o parto com a mulher aqui na aldeia não teria sido bom, não. A gente, parteira, não trabalha só, sempre a gente busca estar em duas ou três. Sempre fazemos tudo com fé e, por isso, acompanhadas por Deus e pelos capitães velhos (*os encantados*).

Aqui, nós não cortamos o cordão de forma imediata não. Aqui demora... Aqui nós fazemos o parto de cócoras, assim não rasgo o períneo das mulheres, assim evita isso de costurar a mulher. Nós botamos logo o bebê para amamentar, o que facilita a saída da placenta. Aqui, muitas mulheres guardam o umbigo do bebê para, caso precisar, fazer um remédio para a criança. Aqui em Pankararu a mulher grávida pode comer de tudo... Agora, depois de parida, em geral come só pirão de galinha.

Maria das Dores da Silva Nascimento (1964)





Manuel: A gente comia mandioca cozinhada, icó cozinhado, coração da Índia, umbu. Umbu cozinhado com um pouquinho de cinza porque não tinha rapadura, a cinza fazia aparecer o doce mais um *pouquim*... Fazia aquela *quixiba*... Alguns caboclos comiam cobra, cortava três dedos da cabeça, três dedos da ponta do rabo, e comia o meio, isso nas cobras venenosas. Comia muçum, caju, manipueira, beiju, *morocondo*, que é uma lagarta que vira borboleta. Tinha uma ciência para pegar o *morocondo*. Hoje ainda tem gente que come, mas diz que não por vergonha.

Meu pai fazia serviço para o branco: tirar mourão, cortar de machado, brocar mato, fazer roça... Alguns que não podiam comprar um metro de pano, fazia de saco ou de estopa uma roupinha para vestir. A cama era o chão... Alguns até botavam palhas de coqueiro. Rede não usava, não. Para fazer fogo usavam o fogueteiro – uma ponta de chifre de boi em que se colocava algodão e riscava uma pedra que fazia pegar fogo no algodão.

Maria: O senhor lembra quando chegaram os primeiros posseiros?

Manuel: Preste atenção. Os posseiros nunca quiseram bem aos índios. **Se pudessem comer um índio cru, não assavam e nem cozinhavam.** Era o branco que dominava, que mandava, faça tua toca ali, faça acolá. Severo Mauricio se dizia amigo dos caboclos, mas era só para vender os índios. Os brancos compravam patente de coronel e tiravam 10% do que a gente colhia de feijão. Manuel Toscano e o promotor Severo Mauricio tiravam de nós para mandar para o grandão lá em Recife, um tal de Carneiro, um cara que ficou milionário...

Cícero: A gente nascia sabendo que era índio porque era logo discriminado.

Manuel: Tinha também alguns brancos de coração de Deus... Mas a maioria tinha o coração do bicho ruim e, por isso, muita coisa mudou para nós.

De primeiro, nós *brincava* de
Toré, pintava o corpo...
Pintava com tinta de
pedra: toa; toa vermelha
e toa branca...

E dançava a noite toda,
dançava o dia todo...

**De primeiro todos os
índios tinham
o coração
de Deus.**

Manuel Monteiro da Luz
Pankararu
(23- 01- 1914)



Vi um Indiozinho consolando a Mãe Natureza, mas não era um simples índio. Esse índio era muito forte e poderoso. Pensei porque aquele Indiozinho era tão forte e logo ele me deu a resposta:

– Parente eu sou a força de seu povo. Eu existo porque o seu povo tem me fortalecido. Sou um espírito interligado com Tupã, mas para eu fazer o meu trabalho preciso que vocês, irmãos índios continuem fazendo os seus rituais, o Toré... Assim continuarei forte para realizar a minha missão. Então estava na mata quando esse Indiozinho passou a mão no meu rosto e eu dormi. Assim consegui ver o que ele fazia com a Mãe Natureza. Ele a consolava e ela se desabafava com o Indiozinho. Mãe Terra: – Tupã (Deus) me fez tão linda, ele me disse que a minha beleza é eterna e ainda acrescentou – Terra, vou criar um ser que fará parte de sua estrutura, e vai se alimentar de seus frutos. E ele será seu filho. Mas tem algo muito especial nele, ele tem a liberdade de escolher. Esse ser deve cuidar e respeitá-la como se respeita os pais biológicos.

Indiozinho: – Essa história, Mãe Terra, nós sabemos. O meu povo tem se esforçado para honrar o que Tupã falou. Que nós só devemos ir à mata para buscar o que precisamos para a nossa vida.

Mãe Terra: – Indiozinho, eu fico tão feliz quando vocês fazem festa na mata em homenagem a mim. Fico feliz em saber que tenho filhos como vocês. Mas eu estou muito decepcionada, cansada, doente porque tenho muitos filhos espalhado em minha face, que não me respeita, me maltratam, me destroem e me machucam sem piedade. O pior que tudo isso é em busca de algumas matérias minha que dizem ser muito valiosas: ouro, diamante, petróleo, água...

Indiozinho: – Sabemos dessa situação. Nós usamos a nossa inteligência para viver bem com a Senhora. E temos demonstrado isso para eles ao longo de nossa história. Têm alguns que já reconhecem e estão cuidando da Senhora. Já outros usam o seu sofrimento para poder ganhar esse tal dinheiro dos outros. O seu sofrimento para alguns deles servem até de entretenimento. Mas eles vão mudar, eles precisam mudar, se não ...

Mãe Terra: – Eu tenho lutado muito para que os meus filhos possam reconhecer os seus erros. Mas a visão deles está escura. Acham que o dinheiro é mais importante que os meus frutos. O pior é que eles até se matam e atingem os inocentes e têm prejudicado o teu povo, Indiozinho.

Indiozinho: – Mãe, nesse momento tem muitos índios pedindo força a Deus, através da Senhora, para que a justiça dos homens devolva parte da Senhora para nós cuidarmos.

Mãe Terra: – Filho se todos que ocupassem a minha face fossem como vocês não existiria terremoto, maremoto, doenças, vendaval, furacão, enchentes, muito calor... E isso tem acontecido para ver se eles acordam e começam a zelar de mim. É tão ruim que vai acabar até com os inocentes. E eu estou com uma tristeza.

Indiozinho: – Mãe Terra, a Senhora é a mais bela e perfeita obra da criação divina. E tem o poder de regenerar, e poderá contar sempre com o meu povo. Nós vamos estar sempre do seu lado e nós te amamos muito, por isso que zelamos da Senhora. A Senhora lembra quando agente lhe cuidava antes dos colonizadores chegarem nesta face sua. Vivíamos tão felizes.

CONSOLANDO A MÃE TERRA



Mãe Terra: – Ha! Ha! Ha!... Só você, Indiozinho, para me consolar. Há pouco tempo atrás estava triste, agora estou feliz, mesmo com os maltratos que os outros filhos ingratos fazem comigo. Eles estão devastando as florestas, secando os rios, acabando com os animais silvestres... Mas eu digo, Indiozinho, coitados deles! Eles podem achar que vão me destruir por causa desse dinheiro, mas eles não sabem é que sou Eterna. Já eles, coitados! São passageiros. Garanto para o seu povo e os que seguem os caminhos corretos, que defendem a natureza, que quando os impiedosos acharem que já me destruíram, Há há há há! Eles que serão destruídos. E quando isso acontecer vocês, Índios, verão. Logo depois eu me restaurarei e aí as floresta, os rios, os animais, os frutos, irão voltar a aparecer e a alegria voltará a existir. E vocês, Indiozinho, não cantarão mais sozinho.

Indiozinho: – Ó Mãe Terra! Agora tenho que descansar, pois o meu povo já terminou os rituais nas florestas. Vamos estar sempre ao seu dispor. Nós te amamos e queremos o seu bem. O que será do futuro se nós, humanidade, não procuramos zelar pela sua beleza? É tão gostoso ouvir os cantos dos pássaros, beber uma água limpa e pura, comer alimentos saudáveis, sem agrotóxico. Benção, minha Mãe!

Mãe Terra: – Que Tupã abençoe todos vocês, filhos!

Nesta hora eu acordei e percebi o que a Mãe Terra representa para nós. Ela é a nossa vida, e se não cuidarmos dela seremos suicidas.

Fabio Titiá – Baenã Pataxó Hãhãhãe
<baena.hahaha@indiosonline.org.br>

Meu avô Basílio nos ensinava com exemplo. Tudo que ele fazia, ele dividia com o povo. Ele matava gado e ele dava para cada pessoa um pedaço. Eu era pequena e me perguntava: Por que tudo que meu avô tem ele divide com todo mundo? Ele queria sempre que todo mundo tivesse o que comer. Eu venho aprendendo isso desde pequena. Eu aprendi com ele, com minha mãe, nós fomos criados assim:

O QUE TIVER A GENTE DIVIDE.

Depois eu casei com Lionel, o avô dele também era assim. Lionel sempre dizia: O que nós plantarmos não podemos comer sozinhos.

Lembro agora da segunda retomada de São Vicente. Os indígenas CAMACAM não tinham condições de comprar a farinha, daí Lionel e eu falamos para eles: Peguem aquela mandioca que está na nossa roça, façam farinha, deixem uma parte para nós e levem para vocês o resto. Assim nós garantimos seis meses de farinha para o povo da retomada. Isso foi em 2007.

Comunidade é isso aí, um ajudar ao outro! Eu sinto dor quando vejo alguém que não partilha. Eu partilho dentro da minha comunidade e também fora, com outras comunidades. Assim a gente aprende a amar. O mundo depende de nós. Quem faz o Mundo somos nós. Ser solidário é muito importante para a gente.

Minha família carrega essa herança. Imagine se o Mundo inteiro fosse assim! Eu me preocupo com a criação das crianças de hoje em dia. Meus pais sempre diziam: **AQUILO QUE NÃO É NOSSO NÓS NÃO PODEMOS PEGAR.** Teve um momento em que fomos forçados a sair da aldeia. Daí meu pai foi trabalhar para um fazendeiro.

Lembro que uma vez por mês ele me chamava. Como eu era a filha mais velha me fazia reunir todos os irmãos e me dava um **BOLO GRANDE DE DINHEIRO...** Me botava para cuidar do dinheiro até o dia do pagamento dos trabalhadores. E eu aprendi a tocar só aquilo que é meu e ensinar aos outros a não tocar aquilo que não lhes pertence. Só assim que podemos ser felizes. Por isso o mundo de hoje é triste, porque há pessoas que pegam as coisas dos outros.

Meu marido sempre foi da mesma forma que eu. Se nosso filho chegasse com algo que não fosse dele a gente fazia ele voltar e devolver aquela coisa. Hoje eu já ensino ao meu neto, ensino a ser responsável com o que é nosso e com o que é dos outros. Não pegar o que é alheio. Eu aprendi e com isso eu **SOU FELIZ.** Eu sei respeitar. Eu não tenho ambição, não sou egoísta. Assim fui criada e assim vou morrer.

Seria muito bom que todo mundo fosse assim!

Educação de Valores

Maya Tupinambá Pataxó Hãhãhãe
<maya@indiosonline.org.br>



Eu nasci dentro da aldeia. E já existia as histórias dos meus pais, dos meus avós, porque na minha família todos eram índios, todos nasceram dentro da aldeia. E p'ra começar, os meus avós eram um pessoal bravo, eles não andavam nem calçados. Também não precisavam ir à rua, porque tudo que precisavam já tinha na aldeia. Nessa época não existia remédio, era tudo com chá, era com raízes, coisas do mato mesmo, natural, não tinha médico também e eles ficavam direto no mato. Quando tinha coisas na roça, eles iam trabalhar na roça.

Os meninos só vestiam quando tava chegando uns doze, quinze anos, aí que começava ajeitar uma tanguinha de roupa para eles vestirem, de saco. Saco de pano era roupa privilegiada do índio, no saco fazia um buraco em um canto e no outro, botava as pernas dentro e segurava.

Sabão era rapa de juazeiro e um mato que se chamava rapa de calango, que dá espuma. Isso que era o sabão p'ra lavar roupa.

Dessa época, o que meus pais contavam era isso.

O meu pai contou a história que meu avó, quando ele fez a primeira roça, não tinha ferro p'ra fazer a roça. E eles fizeram brocando no quebra-faca e mororó, e outros paus, quebrando de



O que meus pais contavam

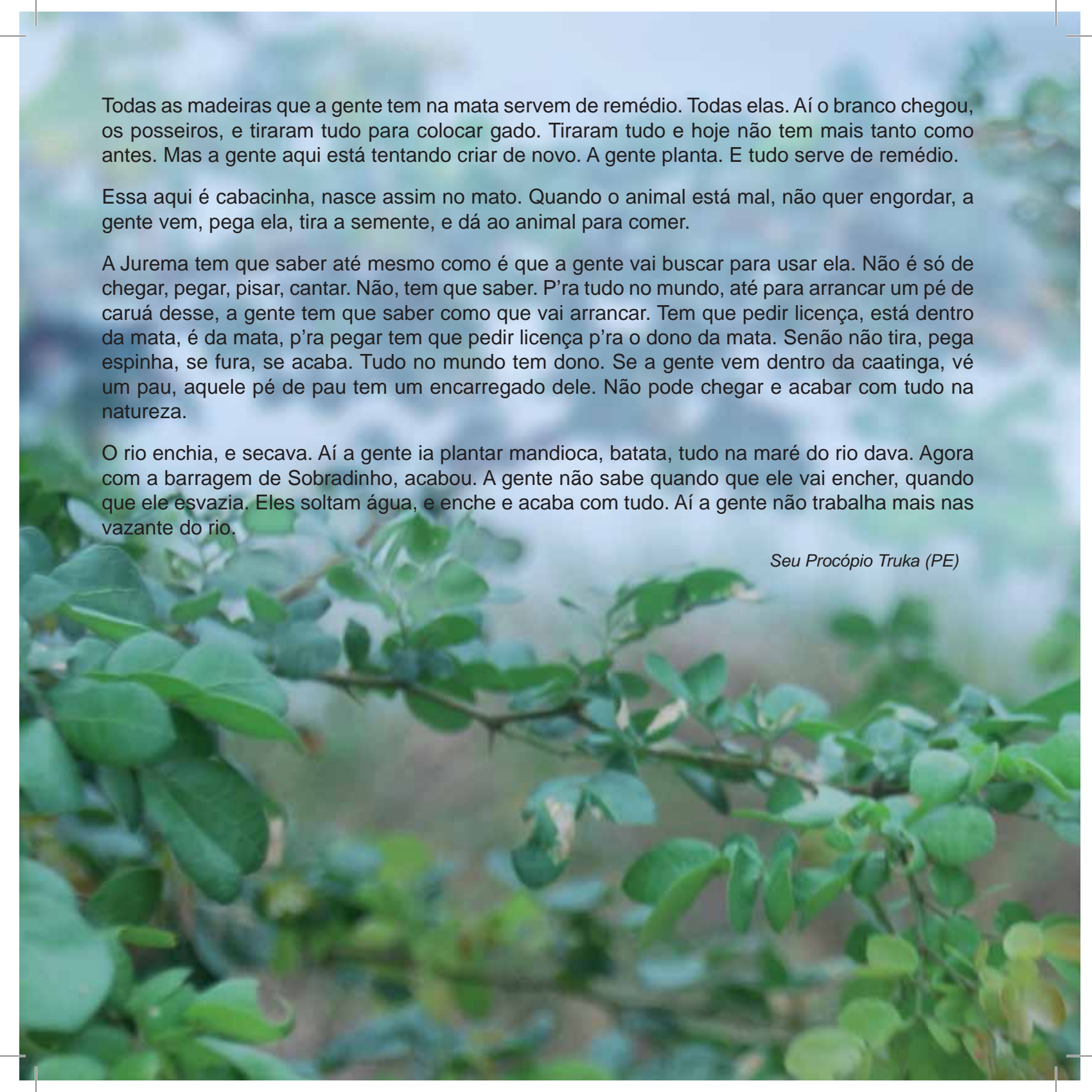
mão as galhas mais finas. As mais grossas que eles não puderam quebrar eles botaram fogo. E assim fizeram a primeira roça.

E daí por diante, eles foram começando a tomar conhecimento das plantas, foi trabalhando, trabalhando, daí a pouco começaram a arrumar material. Foram arrumando, arrumando, p'ra criar a família.

Misturavam feijão, a fava, com coisas do mato. Lá tinha a macambira, a mandioca, mucuna, a fava braba. A macambira dá uma massa para farofa p'ra quem sabe tirar. Da mucuna, faz o pão. Ela é venenosa, mas lavando em nove águas tira o veneno e faz um pão bom. A mandioca, ela é própria para fazer bolo, ela é bem amarelinha, se faz uma massinha dela, botava sal, e faz o bolo. A goma já vem dela. A raiz da maniçoba dá pão também. Lá nesse lugar tem catulé. Comi catulé cozinhado, quando ele *tava* bem sequinho era o lanche, era o café... Quando eu nasci, não tinha óleo de salada, nem tinha macarrão. Naquela época a gente via pessoas morrer com 100 anos, hoje não, hoje com 50 já *tá* indo embora, porque tem mais doenças, porque *tá* comendo essas coisas químicas, coisas industrializadas.

*Seu Antônio Cícero da Silva, liderança
Truká, aldeia Tapéra*





Todas as madeiras que a gente tem na mata servem de remédio. Todas elas. Aí o branco chegou, os posseiros, e tiraram tudo para colocar gado. Tiraram tudo e hoje não tem mais tanto como antes. Mas a gente aqui está tentando criar de novo. A gente planta. E tudo serve de remédio.

Essa aqui é cabacinha, nasce assim no mato. Quando o animal está mal, não quer engordar, a gente vem, pega ela, tira a semente, e dá ao animal para comer.

A Jurema tem que saber até mesmo como é que a gente vai buscar para usar ela. Não é só de chegar, pegar, pisar, cantar. Não, tem que saber. P'ra tudo no mundo, até para arrancar um pé de caruá desse, a gente tem que saber como que vai arrancar. Tem que pedir licença, está dentro da mata, é da mata, p'ra pegar tem que pedir licença p'ra o dono da mata. Senão não tira, pega espinha, se fura, se acaba. Tudo no mundo tem dono. Se a gente vem dentro da caatinga, vé um pau, aquele pé de pau tem um encarregado dele. Não pode chegar e acabar com tudo na natureza.

O rio enchia, e secava. Aí a gente ia plantar mandioca, batata, tudo na maré do rio dava. Agora com a barragem de Sobradinho, acabou. A gente não sabe quando que ele vai encher, quando que ele esvazia. Eles soltam água, e enche e acaba com tudo. Aí a gente não trabalha mais nas vazante do rio.

Seu Procópio Truka (PE)

**Do jeito que eu vivo
me sinto bem**



É bom mostrar quem nós somos.

A cultura é um respeito.

Foi com a Cultura que nós trabalhamos e nós vencemos o que nós *queria*. O que nós *queria* era a terra e, graças a Deus, estamos com ela na mão. A cultura que traz a força, a força para a luta do índio. A cultura traz o respeito, traz a união. Aqui foi pesado, mas com Deus e com os encantos das matas virgens, a gente, com eles nos guiando, com fé em nosso Pai, abaixo de Deus, nossa cultura, nosso arco, nosso colar e assim nossa força para vencer. A gente luta pelo nosso povo, pelas nossas crianças.

Macambira de chupar, gravata, incó, inhame, agrabitaia, a raiz do meru, tanajuras (pega ela e torra, é um safra de ano em ano), tohie (beiju), grolado (da masa da mandioca)... É a comida do índio... Palmito, Farinha da madeira (Bro), a lagarta (pitu) e o coquinho ... A palha pra roupa e pra cobertura... O licurizeiro é tudo como a gente quer. Ele dá comida... Ele dá as vestes da gente... Dele nós *faz* nossas palhoças.

Com a cultura que temos nossa força, nosso respeito. Tem que amar a cultura. Cada qual tem a sua cultura e nós *respeita* a todos. A gente vive obedecendo nosso Pai Tupã. Nós *tem* que obedecer. Se não obedecer nós não somos nada. Por isso nós *veste* nossas vestes. Nós *respeitamos* para ser respeitados. Lá de cima tem alguém que nos mostra como tem que ser as coisas. Aí nós *respeita*, nós *obedece*. Nós não *podia* fazer nada, nós *vivia* escondidos nas matas e com muita luta nós *nos* libertamos. Nós sofremos muito lutando pelo que é nosso. Quando recuperamos a terra dos posseiros estava só o chão, sem árvores sem nada, e nós *zelemos* e hoje está coberta. Ela nos dá comida. Hoje já chegaram as caças. Tem gente no mundo que só pensa ir no mercado, mas nossa comida é boa, é da terra. A terra é nossa Mãe. Ela nos cria; ela nos dá tudo.

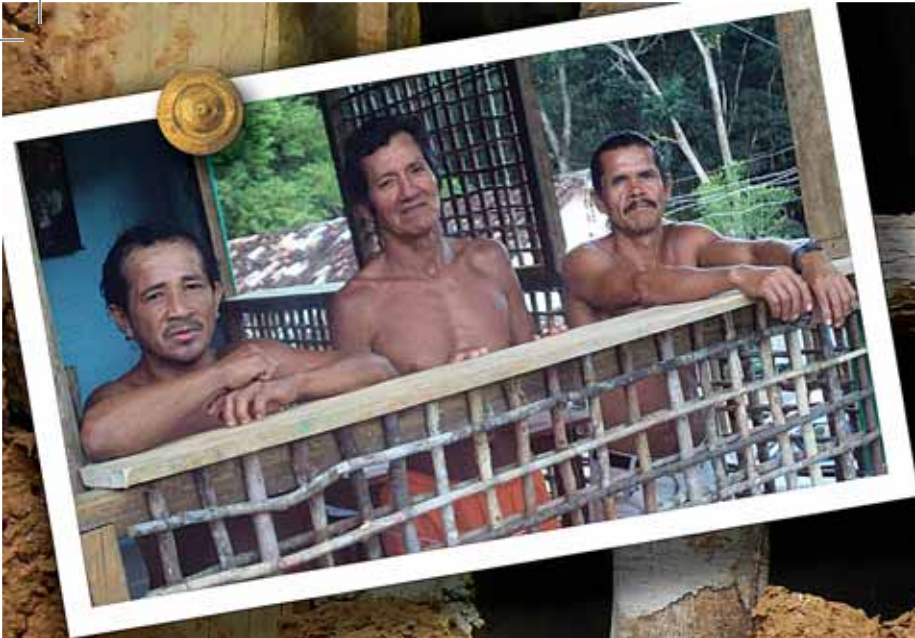
Nós *tem* que tratar um ao outro como irmão. Não temos que ter orgulho.

Nós trabalhamos muito e graças a Deus que ajudou, nós estamos aqui contando esta história. Aqui tinha fazendeiro... Se pegássemos um pau de lenha eles tomavam... Um licuri eles tomavam... Eles enganavam os índios... Compravam as terras por uma cabeça de boi... E nem davam um animal, davam só a cabeça. Assim que eles roubaram as terras de nossos avós. Eles massacraram muito. Eles usam os índios como escravos, mas nós *cultivava* um sonho e um dia nós entramos. Nos unimos todos e falamos: é hoje; quem quis foi e entrou... Eles, os fazendeiros tinham rifle, escopeta, foi 5 da manhã, a luta foi pesada.

Nós não *quer* nada de ninguém. Nós não *deseja* o mal para ninguém. O que a gente quer para um a gente quer para todos.

Edite e José Miguel da França (Pajé) Kiriri





*Este diálogo entre três indígenas
Tupinambá foi registrado no Pontão:
“ESPERANÇA DA TERRA”
www.esperancadaterra.ning.com*

Puba: Eu nasci e sempre morei em casa de taipa... Eu aprendi a fazer casas de taipa com meu povo.

Gringo: Eu desde pequeno vi meu pai e minha mãe fazer casas de taipa. Dai, fui aprender e aprendi. Aprendi a barrar, a botar os enchimentos, cobrir a casa de palha, de palha de pindoba ou de palha de malibu.

Juracy: Eu primeiramente aprendi a fazer casa de tábuas. Lá no lugar que eu morava todas as casas eram de madeira, do chão às paredes e o teto, tudo era de madeira. A primeira casa que eu fiz foi a minha, lá na Serra do Padeiro. Agora, de taipa nunca tinha feito. Aprendi dois anos atrás quando teve a retomada de Itapuã e fui morar lá. Na casa de tábuas quem mora hoje é minha mãe. Então, foi com 40 anos que aprendi a fazer casas de taipa. Aprendi uma profissão e não largo mais: sou taieiro. Não teve ninguém para me ensinar, eu aprendi por mim mesmo, pela minha própria cabeça e nestes dois anos já fiz cinco casas para os parentes que me encomendaram.

Puba: Para fazer uma casa, tem que cortar a madeira em uma noite turba (sem lua – em uma noite escura), senão a madeira apodrece logo. Tanto homem como mulher vão na mata cortar a madeira.

Gringo: Na minha casa mesmo fui eu e minha esposa que cortamos as madeiras. Corta de facão e carrega nas costas e traz da mata até a aldeia. Piqui, musarém, biriba, pinhaíba são madeira boa, madeira que aguenta.

Juracy: A primeira coisa é escolher o local. Aplanar e deixar ele no nível. Colocar



Barro é coisa de Deus

os esteiros no lugar certo, fazer logo a armação de cima para fazer a cobertura e só depois que desce para fazer as paredes e, por último, fazer o piso. Depois que consegue todo o material, em uma semana faz a casa. Hoje em dia já se usa pregos e arame, mas antigamente era tudo no cipó. Uma casa bem feita pode durar muitos anos, muitos mesmos.

Puba: A casa de taipa é mais fresca que a de cimento.

Gringo: Se cair uma parede, a gente faz ela de novo, se quiser mudar alguma coisa da casa, na de taipa é mais fácil.

Juracy: Eu durmo na minha casa sem medo. Pode chover que medo eu não tenho. Eu que fiz a casa, eu sei que tirei a madeira da forma certa e que fiz da forma certa. Eu tenho o maior orgulho de estar morando em uma casa que eu mesmo fiz. Não paguei ninguém para fazer, fomos eu e minha esposa que fizemos, e alguns amigos que nos ajudaram a tapar.

Agora, foi bom o intercâmbio que fizemos aqui na ESPERANÇA DA TERRA, porque agora aprendi a usar a bosta de gado para selar as paredes de taipa e aprendi a fazer um banheiro seco. E agora sabendo eu já vou ensinar a outros parentes. E assim os conhecimentos vão passando. Hoje em dia eu já uso um pouco de cimento para algumas coisas, mas eu gosto mesmo é de terra. Cimento é muito perigoso, faz mal a nossa saúde, o barro não, o barro é saúde, o barro é natural, o barro é coisa de Deus.



Cícera Truká: A aldeia nasceu do caruá, é coberta de caruá, e todo artesanato que tem mais importância é feito do caruá. A gente usa o bernal, o pujá, a kataioba tudo feito do caruá. E a cabaça é importante também porque faz o nosso maracá.

Dona Lourdes Truká: Da raiz da Jurema vem o koaki (cachimbo) e vem a bebida.

No ritual da nossa aldeia, a importância do caruá é porque é do caruá que a gente recebe a força dos nossos encantados, a força da mata.

Cícera: O maracá é usado no trabalho para chamar os Encantos, para dar força no trabalho. O koaki dá força para defumar, espantando as coisas ruins e chamando as coisas boas. Até o colar que a gente usa tem um significado. Tem um dono. Usa o colar

dado a um Encanto para obter força, proteção, luz no trabalho. Cada uma das peças tem um significado e uma importância, e tem tudo a ver com nosso ritual, com nossa espiritualidade.

Dona Lourdes: Quando nós viemos fazer a primeira retomada aqui, em 1995, a gente não sabia nada. Foi o meu marido quem tomou conta de fazer o pujá, a bolsa, a kataioba, essas coisas para os rituais, e fez, sem nunca ter visto antes. E logo nós entramos na caatinga, tiramos o caruá, tiramos a fibra, batemos... Fazendo o caruá.

Cícera: Aqui, quando a gente veio para retomar as terras, na nossa família renasceu também. Como mãe disse, a gente sabia porque pai falava dos nossos antepassados, mas a gente ainda não tinha visto uma aldeia. E foi depois da retomada que a gente renasceu. Renasceu como a gente ERA, mas NÃO SABIA que era! De repente se tornou artesão, ser conhecedores da natureza, para colher matérias primas dentro da natureza, ver um pau e saber que aquele pau ali serve para isso, que vai dar certo, sem ninguém nunca ter sido instruído... a gente renasceu, como se sempre foi assim, mas se revelou nessa hora.



A close-up photograph showing a pair of dark-skinned hands holding a bundle of bright green, fibrous threads. The threads are long and thin, with some fraying at the ends. The background is dark and out of focus.

CARUÁ

Dona Lourdes: Por exemplo, o nosso ritual desde a primeira vez é respeitado aqui nesse pedaço de chão. Todos têm respeito pelo ritual, e todos sabem dançar.

Cicera: O lado do espiritual, dos Encantos, aqui na aldeia é muito forte. Quando a gente veio para dentro da aldeia foi como se a gente nunca tivesse saído daqui, tivesse nascido aqui dentro, como se nunca foi lá para fora, porque o que a gente tem aqui dentro é valioso. Não por uma questão material, mas dentro da cultura. Para nós, é muito importante a nossa cultura, as nossas origens, tudo que tem a ver com nossa história.

Cicera: A caatinga para a gente tem muito importância, porque ela tem ciência... Tem Encanto na caatinga, tem encanto nas águas...

Jurema sagrada

Meu nome é Tawanã, sou da aldeia Kariri-Xocó. Tawanã quer dizer “pintor da tribo”. O índio se compõe da própria natureza, ele tem ligação com água, fogo, terra e ar. Então, esses quatro elementos da Terra representam a vida.

O que são as ervas para um índio, que relação elas nos dão, que fortalecimento? Nós temos várias ervas que nós *usa*. Para nós, uma erva é como se fosse uma irmã ou um irmão. Antes de pegar uma folha dela ou um galho nós *pede* a ela licença para que aquela medicina sirva para aquele tipo de doença. E a nossa erva mais forte, que nós temos como mãe de todos, é a Jurema. A significação da Jurema é “o tronco”, é como se fosse uma aldeia antiga. Representa um povo antigo o tronco da Jurema. A Jurema é uma erva de poder que nos leva ao presente, ao passado e ao futuro. E nós *trabalha* com ela para fortificar o corpo. É como se fosse uma vacina que você toma para não pegar uma doença.

A Jurema é tirada do chão, é raiz. Ela tem uma substância de alucinação. Então ela faz um processo muito forte. Tem a pessoa chamada de “mestre da mesa” que nos conduz cantando. Com o poder dos cantos, das danças e do chamamento do protetor ou da protetora ela se torna mais forte e a pessoa que está conduzindo tem que ter domínio e pedir a Deus e à própria natureza para dominar e as pessoas se curarem daquilo que está fazendo mal a elas.

Tem um trecho de canto que é assim: “Você bebeu Jurema, você se embriagou, viva os nossos mestres que aqui chegou, olé Le olé La o...” É uma maneira de chamar e têm outros cantos que representam a Jurema que a pessoa quando toma e canta é como se as coisas boas da mata encostassem ali. E nós, como índios, estamos fazendo o trabalho, tanto serve para nós como para as pessoas para as quais estamos pedindo e curando, com o poder de Deus. Que nós não somos poderosos que se fôssemos poderosos demais, nós não *morreria*. Nós somos carne e ossos. Más nós somos canais, Deus precisa de nós, então têm momentos que nós temos que falar forte com Deus para enxergar a força da natureza.

Existe a Jurema que tem espinhos, que é mais brava, mais violenta, e a Jurema que não tem espinhos. Más nós *trabalha* com a Jurema que não tem espinhos. A árvore, para muitos que não entendem, poderia ser qualquer árvore que poderia ser cortada e usada. Mas eu creio que têm

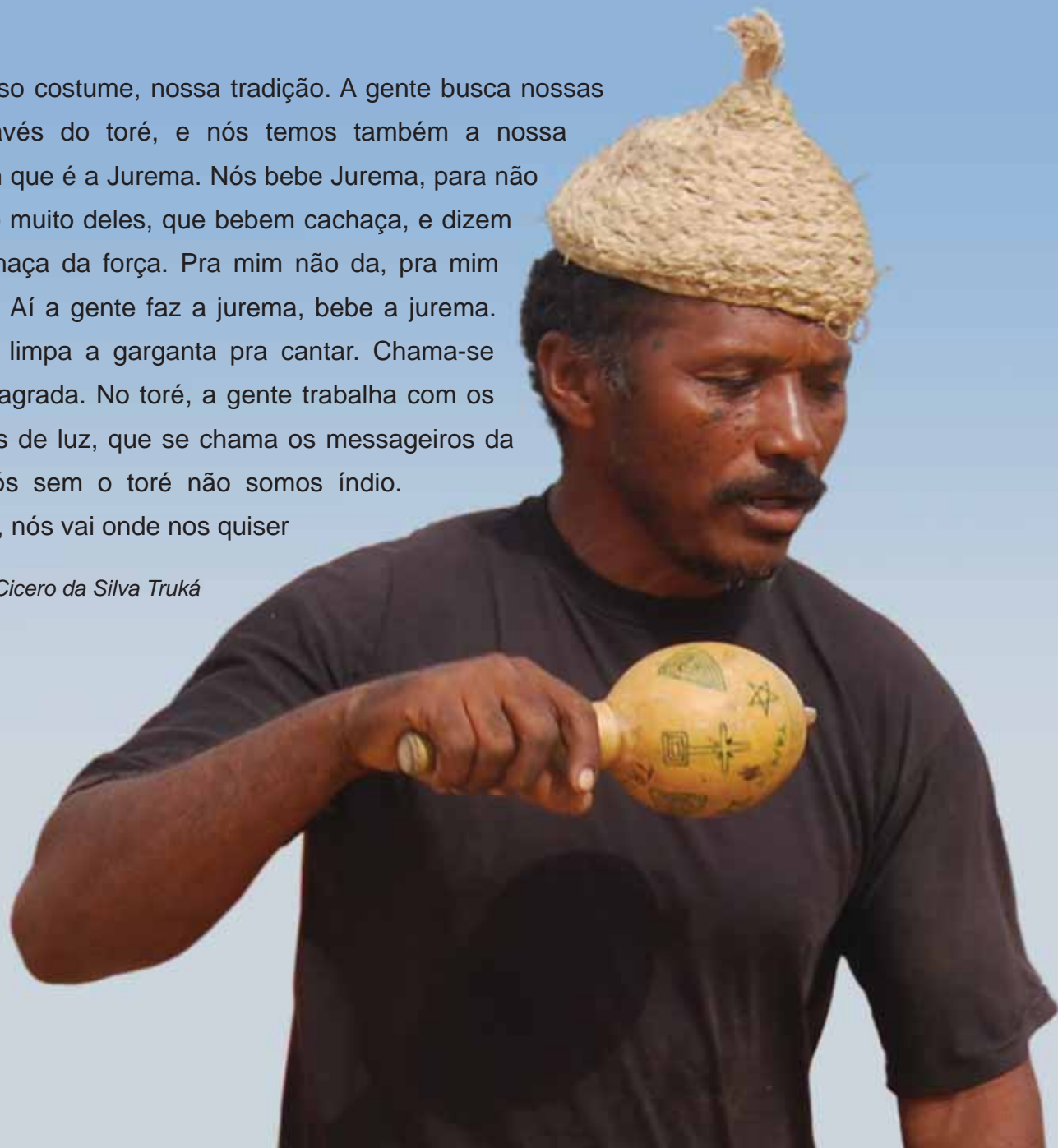
também muitas pessoas não índias que entendem, sentem e gostam de preservar a natureza. Então, nós *tem* a ligação com a árvore como se fosse uma pessoa mesmo que Deus colocou no mundo, como o homem e a mulher, e colocou nas terras aves, árvores que têm nomes femininos e masculinos. Sempre tem o feminino e o masculino e a Terra, ela é a mãe de todos. Ela é quem vigia tudo. Então, a Terra é como se fosse o colo do útero, ela nos dá força. Da terra nós surgimos, para a terra nós voltamos, como qualquer outro ser vivente. E é por isso que as ervas para nós é muito importante. Nós temos as ervas como nossas parceiras, respeitando a lua, o sol, as estrelas, o vento, as águas, qualquer coisa da natureza e principalmente respeitando o próximo e tendo amor.

Tawanã – Kariri-Xocó



Toré é nosso costume, nossa tradição. A gente busca nossas forças através do toré, e nós temos também a nossa beberagem que é a Jurema. Nós bebe Jurema, para não fazer como muito deles, que bebem cachaça, e dizem que a cachaça da força. Pra mim não da, pra mim é negativa. Aí a gente faz a jurema, bebe a jurema. Cria força, limpa a garganta pra cantar. Chama-se a jurema sagrada. No toré, a gente trabalha com os Encantados de luz, que se chama os messageiros da Jurema Nós sem o toré não somos índio. E com toré, nós vai onde nos quiser

Seu Antônio Cicero da Silva Truká



O toré nos ensina tudo



O Toré, pra nós abaixo de nosso pai Tupã, é a nossa ciência, a nossa sabedoria, que todas as mensagens e as dificuldades que a gente passa, nós temos que chamar os mensageiros de Luz. Nós temos muita fé primeiro no nosso pai Tupã, segundo nos Encantados que nós guia. O Toré, o Carua e o nosso maracá é a nossa ciência. E aqui a onde nós aprende a nossas rezas, nossos costumes. O toré pra nós é que nós ensina tudo. Não só aqui, como em todas as aldeias. Cada uma tem a sua ciência e em modos diferentes. É uma ciência que não podemos passar pra ninguém. Porque se nós passar, a aldeia deixa de ser aldeia, ai nós não temos mais ciência. A nossa sabedoria tá na ciência, na jurema que nós bebe... porque é dali que nós arranca o que nós estamos precisando

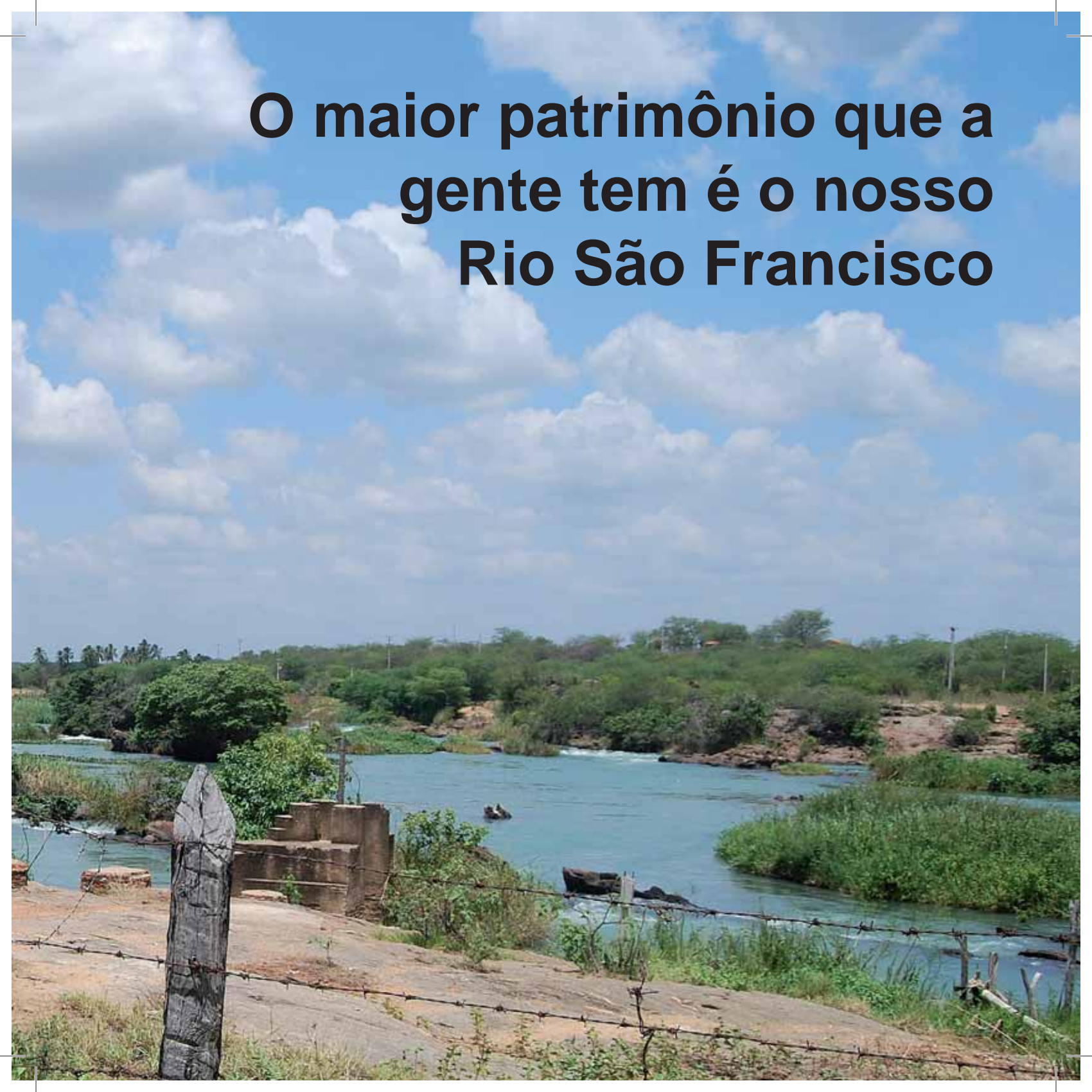
Dona Lourdes Truká

Na nossa comunidade, o maior patrimônio que a gente tem é o nosso Rio São Francisco, e a nossa tradição, nosso ritual. É o maior patrimônio que a gente tem, com as nossas conquistas também, a nossa luta. Mas o rio ta morrendo , eles estão construindo varias barragens no longo dele e a tendência da nossa ilha aqui é que alguns anos adiante, ele vai acabar. Eles querem o Rio cortar e secar. Não secar na verdade, mas é salinizar todo a area ai. Isso é o futuro que a gente vê daqui a alguns anos. Nossa terra toda perdida. Foi uma luta de mais de 200 anos, e num periodo de mais ou menos 10 anos vai acabar. A gente vê como prejudica a construção desses barragens no Rio São Francisco. Essa transposição, pra um pessoal, acha que é futuro. Mas para quem que já entende, sabe, acha que é disvantagem. Hoje peixe não existe mais, que era um grande patrimônio que a comunidade tinha, não só comunidade Truká, mais a comunidade geral do Rio São Francisco. Muitos peixes desapareceram, ninguém sabe mais onde andam. Era nosso patrimônio que passa para filho, neto, bisneto, e não tem mais disso, causa das barragens.

Seu Dudu, liderança Truká, Ilha de Assunção, Cabrobo, (PE.)



**O maior patrimônio que a
gente tem é o nosso
Rio São Francisco**



Toponímia

Cada lugar está denominado por um nome que foi dado no início de sua formação, origem, evolução; alguém que habitou a região geográfica e pelas características próprias, como clima, fauna, flora e relevo deu-lhe uma denominação ao espaço que ocupou.

Originalmente o Velho Chico era chamado pelos índios Tupi de “Opara”, que significa “rio mar”, pelas forças de suas águas e grandeza assemelha-se ao oceano; e porque os peixes do Atlântico se reproduzem no Rio São Francisco.

Os povos indígenas que habitaram o OPARA deram nomes aos peixes: curimatá (curi = menino + matá = fogo), surubim (sur = sugador + ubim = pintado), piaba (o que belisca torcendo), piranha (o que corta como tesoura), etc.; às plantas: juá (fruta espinhosa) imburana (parente do imbu), juá-mirim (juazeiro pequeno), calumbi (mato azul); serras e lugares: apreacá (serra pontuda), serra da marabá (povo do mar), ipanema (rio de água imprestável). Cada espécie recebeu o seu nome de acordo com sua aparência, sabor, teor, e características próprias nas paisagens, no meio ambiente e na cultura dos povos que ocuparam o Vale do São Francisco ao longo dos séculos. A cultura dos povos foi formada pela relação com a natureza, com outras etnias, na



culinária: canjica (mingau de milho), moqueado (assado), pipoca (o que estoura), mandioca (raiz branca da casa). Na cultura: Toré (som sagrado).

No município de Porto Real do Colégio, Alagoas, temos um afluente do São Francisco. Os Kariri-Xocó, indígenas da região, chamou-lhe de rio Itiúba (rio da canoa). Este povo indígena se tornou ao longo do tempo uma comunidade de cultura pesqueira. Fabricavam canoas, barcos, jiqui (armadilha de peixe) jereré (rede de pesca), puçá (pequena rede redonda) para pescar nas águas do rio Opara .

A Expedição Exploradora comandada por Américo Vespúcio batizou o rio Opara em 4 de outubro de 1501 para Rio São Francisco, porque pelo calendário católico era dia de São Francisco de Assis, santo da igreja. O Vale do São Francisco foi colonizado por portugueses, senhores de engenho, curraleiros, mineradores, bandeirantes, etc. Pequenas aglomerações foram sendo formada ao redor de alguma capela sob invocação do santo protetor. A comunidade cristianizada com suas rezas, cantos, costumes e tradições absorveu os hábitos da cultura do rio como povo ribeirinho, indígenas, quilombolas, pescadores. Nasceu várias manifestações culturais, como a Festa Fluvial Bom Jesus dos Navegantes, Toré cantos indígenas, Reisado, Guerreiro, Chegança, Pastoril e cantos de Mutirão. Na arte, os escultores criaram a Carranca (mascara terrível) colocada na frente da embarcação para espantar os maus espíritos.

Nhenety Kariri-Xocó.
<nhenety@indiosonline.org.br>




Quando adolescente sempre me causava algum espanto me deparar com algum pesquisador na aldeia. Não conseguia entender o que os deixavam tão interessados na nossa rotina, a querer tomar banho na bica, a experimentar nossa comida, a conhecer nossas festas. Não conseguia enxergar o diferente! Na aldeia, compartilhávamos todos das mesmas crenças, valores, da mesma condição étnica. Somente mais tarde descobri que a diferença não estava entre nós Pankararu, mas entre nosso povo e outros povos, entre nós e a sociedade nacional, tendo em vista as características muito específicas do meu povo: a nossa visão cosmológica, nossa organização social, nossos rituais e outros comportamentos culturais essencialmente Pankararu. Nossa comunidade está localizada no alto sertão pernambucano, nos municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá, com uma população estimada em oito mil indivíduos. Devido ao longo e contínuo contato com a sociedade nacional, muitos traços de nossa cultura foram se perdendo, mas muitos ainda permanecem e são constantemente fortalecidos na nossa prática social. Para alguns, minha aldeia pode, à primeira vista, não parecer uma aldeia: as residências são de alvenaria, com instalação elétrica, banheiros e água encanada das nascentes. Esses elementos foram sendo incorporados paulatinamente pelos Pankararu e funcionam precariamente, pois são advindos por empenho pessoal ou familiar, como a canalização da água, ou de projetos governamentais que não conseguem atender toda demanda Pankararu, como a energia elétrica distribuída na comunidade.

O comportamento social também se confunde em muitos aspectos com o comportamento de comunidades não indígenas: os jovens curtem axé music, brega e outros gêneros tocados nas rádios e apresentados na TV. É comum a alegria por um time de futebol carioca ou paulista e ainda outros comportamentos nacionais incorporados no nosso dia a dia. Como boa parte das comunidades rurais, temos uma economia baseada principalmente na agricultura familiar, pequenos criatórios, aposentadoria rural, e bolsa escola. Esta última com amplo atendimento, pois temos muitas crianças em idade escolar cuja renda familiar não atinge padrões mínimos aceitáveis. Nós somos fervorosos nas nossas convicções religiosas. Fomos catequizados por missionários católicos. Por isso, acreditamos firmemente na existência e proteção de Deus. Assim como temos nossas fortes convicções cristãs, temos nossas fortes convicções na religião indígena Pankararu. Toda a nossa vivência é mediada pela crença em Deus e pela crença na Força Encantada. Assim, como vamos à missa, com igual fervor e compromisso vamos aos terreiros onde são realizadas as festas, as danças tradicionais Pankararu. Temos vários rituais e estes acontecem com muita frequência na comunidade. A organização em núcleos familiares favorece os encontros diários para rezar, fumar cachimbo, agradecer e pedir proteção e bênçãos a Deus e aos Encantados que, em nossas festas ou rituais, são representados pelos praiás. Estes são homens que se vestem de roupas de caroá e que dançam nos terreiros ao som do maracá e melodias chamadas de toantes, cantadas por um homem ou mulher que chamamos

Menino do Rancho



de cantador(a). Dentre os vários rituais Pankararu, temos a festa do “Menino do Rancho”, considerado como um rito de passagem. “A festa era para descobrir a ciência do menino, ver se ele ia ser caçador, pescador...” disse-me certa vez tio Miguel Binga, antigo pajé Pankararu. Hoje, talvez essa conotação não seja tão forte. O Menino do Rancho é largamente praticado na comunidade. Trata-se de um ritual muito bonito, alegre e sério ao mesmo tempo, pois nada pode dar errado sob pena de precisar refazê-lo. Realiza-se, geralmente, em agradecimento a um encantado pela cura de alguma moléstia, ou simplesmente, pela alegria e prazer em celebrar o ritual. O encantado a quem os pais do menino fizeram a promessa passa a ser o protetor e dono do menino e, por isso, ele estará à frente da festa. O “Menino do Rancho” é um ritual que pode ser realizado em qualquer época do ano, depende da vontade e da disponibilidade financeira da família para poder realizá-lo. Os pais do menino devem convidar duas madrinhas



e uma noiva para congregar o ritual. São convidados ainda vários pais e mães de praiás (também chamados de zeladores) que deverão levá-los para dançar na festa e os padrinhos que irão disputar o menino com os praiás. A comunidade em geral sente-se convidada, pois se trata de uma festa aberta a todos os que por ela se interessar a participar. A festa ocorre nos fins de semana, iniciando-se no sábado à noite com os praiás dançando no terreiro para abertura do ritual. No dia seguinte, logo cedo, retomam-se as atividades previstas para um dia inteiro de ritual. Ouve-se uma gaita tocar. O som não nos deixa dúvida: o praiá dono do menino chama os outros praiás para dar início à festa. Começam indo buscar o menino em sua casa para levá-lo ao rancho. Ele deve ser pintado com tauá (barro) branco e paramentado para a ocasião. Em seguida busca-se a noiva e na sequência, as madrinhas. Em todas as casas visitadas, os praiás dançam e bebem garapa, que pode ser de cana de açúcar, rapadura ou mesmo açúcar. A bebida deve ser oferecida a todos os participantes, iniciando-se com os praiás, homens e meninos, mulheres e meninas. Na casa do menino do rancho, além da garapa é servido um café reforçado com carne, buchada, farofa e arroz. Lá as madrinhas, noiva e padrinhos também são pintados com o mesmo tipo de pintura corporal. A noiva e madrinhas, além da pintura recebem adornos coloridos de papel seda na cabeça. Os padrinhos podem ter um capacete confeccionado com palha de ouricuri (tipo de palmeira), semelhante ao do menino do rancho. Após as visitas é chegada a hora de ir para o terreiro. Lá o dono do menino vai comandar o ritual, sinalizando os momentos que são somente para dançar, ou os momentos que os praiás podem correr para disputar o menino com os padrinhos. No terreiro, são os padrinhos que fazem a guarda, cuidam do menino, tentando evitar que os praiás possam pegá-lo. Sempre tem um padrinho que corre com o menino, orienta-o nas fugas, ajuda-o a subir em árvores ou fica com ele no rancho, uma pequena casa de palha de ouricuri, construída especificamente para o ritual e daí o nome “Menino do Rancho”. O dono do menino

não participa do embate. É ele quem determina o momento de trégua e os momentos de “pega-pega” entre praiás e padrinhos e ainda segura o menino no momento que acha conveniente acabar a correria. Na festa é oferecido um almoço com carne de carneiro ou boi, arroz, farofa ou pirão e ainda a garapa para todos os participantes, seguindo a ordem hierárquica do café: praiás, homens, mulheres. Quando algum praiá consegue pegar qualquer paramento do menino ou parte dele, como o chapéu, por exemplo, este praiá é bastante festejado tanto pelos outros praiás como por seus zeladores, pois significa que ele conseguiu pegar o menino. Os padrinhos geralmente ficam inconformados. E quando um praiá consegue pegar o menino, a festa prossegue somente para os ritos finais: entrega do menino, da noiva e das madrinhas para os familiares. A festa se encerra com o toré, compartilhado por todos os participantes que queiram cantar e dançar. O arremate é o toante de encerramento. Este coincide, muitas vezes, com o pôr do sol produzindo um efeito mágico, único, de pura energia, de força e encanto com os praiás saindo do terreiro. Há muitas ocasiões em que os praiás não conseguem pegar o menino e, neste caso, cabe ao dono dele dar a festa por encerrada, que termina de modo semelhante ao descrito anteriormente: entrega do menino, da noiva e das madrinhas, dança do toré e fechamento do terreiro. Quando acaba assim, a alegria irradia-se entre os padrinhos, pois estes não deixaram o menino ser pego pelos praiás. Mas tudo isso acontece no fervor ritualístico. Do pegou ou não pegou o menino. Quem pegou? Quem é seu zelador? Valeu? Não valeu? São as questões mais comuns no ápice da festa. Pegar, não pegar. Tanto faz. Para o meu povo, na festa do Menino do Rancho não há vencedores e vencidos. Não há perdedores ou ganhadores do lado dos praiás ou padrinhos. Somos todos vitoriosos quando o ritual é cumprido em todos os passos com alegria, boa vontade, fé e dedicação, deixando-nos a certeza que outras festas de Menino do Rancho virão, outros meninos se adentrarão no segredo dos Encantos e se orgulharão de nossos antepassados, de nossa história, de nossa identidade Pankararu, fortalecendo e mantendo, assim, o nosso rico e maravilhoso patrimônio cultural. São estes meninos e meninas que irão dançar, irão participar dos rituais, irão dar continuidade à nossa crença nos Encantados e quando se tornarem homens e mulheres com filhos irão ensinar-lhes nossas práticas e modos de ser Pankararu, irão contar-lhes nossas histórias e muitos colocarão o filho no rancho, com a mesma alegria e sentimento de fé, de pertença e orgulho de ser parte de um patrimônio tão importante e único que expressa parte do que é ser Pankararu.



*Maria Pankararu
maria.pankararu@gmail.com*



O *Poracim** é um patrimônio do povo Tupinambá de Olivença

Eu busco fortalecer os rituais e os traços culturais do meu povo, da mesma forma que nossos antepassados faziam.

É um ritual religioso e festivo que é nossa forma de celebrar a vida, a natureza. Nossos antepassados faziam e vem passando de geração em geração. Apesar de todos os massacres, das opressões sofridas, enfim... hoje vivenciamos ainda nosso ritual, por isso o *Poracim* é um grande Patrimônio do Povo Tupinambá de Olivença.

*Porancê (Tupi) reunião de povos indígenas constante de danças e cantigas nativas.

Jaguatey Tupinambá de Olivença
<jaguatey@indiosonline.org.br>



Hoje estamos reivindicando nosso território, que é nosso bem maior, não se pode falar de cultura, educação, de saúde sem falar de território.

Sempre estivemos nessas terras, nunca saímos daqui. Aqui nos escravizaram e nos mataram. Hoje só queremos que o governo coloque no papel o que é nosso por direito, nossas famílias mantiveram a resistência durante séculos para que hoje pudéssemos estar lutando pelo que tradicionalmente é nosso e ainda hoje tem pessoas que se desfaz de nosso direito, a própria FUNAI que está para defender os nossos direitos muitas vezes entra em nossas áreas para fazer reintegração de posse com a Polícia Federal a favor de fazendeiros. Nossa Mãe Terra pede socorro. Hoje os fazendeiros que são os restos dos coronéis, eles estão desmatando nossas matas, sujando e secando nossos rios; o mar não é mais o mesmo; essa natureza é quem dá o sustento para a maior parte das famílias de nosso Povo. E essa situação só vem piorando a qualidade de vida em nossa aldeia. As famílias acabam ficando submissa a esses grandes latifundiários, com isso vão trabalhar para eles e para não perder o emprego segue e faz tudo o que eles querem. Muitos parentes foram obrigados a tirar seu nome do cadastro da FUNASA, onde garante o atendimento da saúde para não perder o emprego. Vemos que os órgãos a que competem defender nossos direitos não faz nada. Só existe política para o crescimento, que para nós índios é destruição, destruição de tudo aquilo que é nosso por direito. Eles estão cegos e surdos e isso só vai parar se o governo federal assinar a demarcação de nosso território.

Nosso maior Patrimônio está sendo ameaçado e se nós não lutar para parar com essa maldade que estão fazendo com nossa Mãe Terra, pois tudo que preservamos por séculos está arriscado a se perder.

Jamopoty

Cacique Tupinambá de Olivença

(Depoimento realizado em dezembro de 2010)



Filhos da terra

Se não fossem os mais velhos, a gente não sabia de nada



Eu aprendi com os mais velhos. Tudo que a gente sabe aqui dentro da aldeia, é aprendido com os mais velhos. O Toré é muito importante para nós. O Toré é cantado e vai de 6 horas da noite, até 7 horas da manhã, a gente passa a noite todinha balançando o maracá, e bebendo a água da jurema. E a gente não cansa. No outro dia *tá* todo mundo alegre, e *tá* todo mundo satisfeito. Se por acaso entra uma pessoa com a cabeça doendo, no outro dia *tá* curado, por causa da força dos Encantos e a vontade que a gente tem de trabalhar. **Tudo que eu aprendi, tudo que hoje eu sei fazer, eu agradeço aos nossos mais velho, porque se não fosse eles, a gente não sabia de nada**, e agradeço aos Encantados porque eles têm que *aluminar* nós para nós *saber* onde é que a gente vai entrar.

Conversa com Cícero Brasilino Truká, professor de Arte, Ilha de Assunção, Cabrobó (PE)

Pai de família: “Meu filho! No tempo que casei com sua mãe matei um boi e ainda tenho carne”. Aí o filho chegou à sua casa e falou: “Mulher, meu pai diz que desde que casou matou um boi e ainda come dessa carne. Vamos matar um também?”.

Aí mataram um e comeram. Mas a carne acabou. Então ele foi na casa do pai e reclamou. O pai explicou: “Meu filho, você não soube dividir. Eu matei um boi e dei para toda a vizinhança e sempre tem alguém se lembrando de mim e trazendo um pedacinho. Eu estou comendo a carne do boi porque eu dei”.

Seu Gino Kiriri



Mão que vai, mão que vem.
O mundo é bom de viver se a pessoa souber.



LUTANDO E RESISTINDO

O nosso maior patrimônio é a nossa terra, que é sagrada para nós. As matas onde os nossos antepassados foram criados. De onde temos os valores e nossas riquezas, onde tem árvores frutíferas que servem para a nossa alimentação saudável, plantas medicinais que curam, onde tem caça e peixe. É onde encontramos a matéria prima para a confecção de nossos artesanatos. É na mata que achamos de tudo para sermos verdadeiramente felizes.

Em nossa aldeia temos o Toré, que é uma celebração, um ritual, uma dança que reúne a comunidade, onde tem a prática da oração, cânticos, espiritualidade, partilha de alimentos e bebidas sagradas. Índios e índias participam usando os seus adereços culturais, como o cocar, colares de sementes, dentes e ossos, pulseiras, tranças, cachimbo, defumador e muita animação.

Em nosso encontro do Toré não é permitido que a pessoa participe se estiver alcoolizado. É preciso que cada participante esteja em paz interior.

Usamos a pintura corporal, extraída do urucum, jenipapo, pau-brasil e argila. A bebida do ritual é feita à base de mandioca, garapa de cana, milho e mel de abelha, com técnica milenar que foi passada de pai para filho. O nome dessa bebida é cauim. O maracá é o nosso instrumento sagrado, ele está sempre presente em nossas atividades, ele pode ser feito de coco, cabaça e coité. O Toré não tem sentido sem a presença do maracá e é uma herança deixada pelos nossos antepassados.

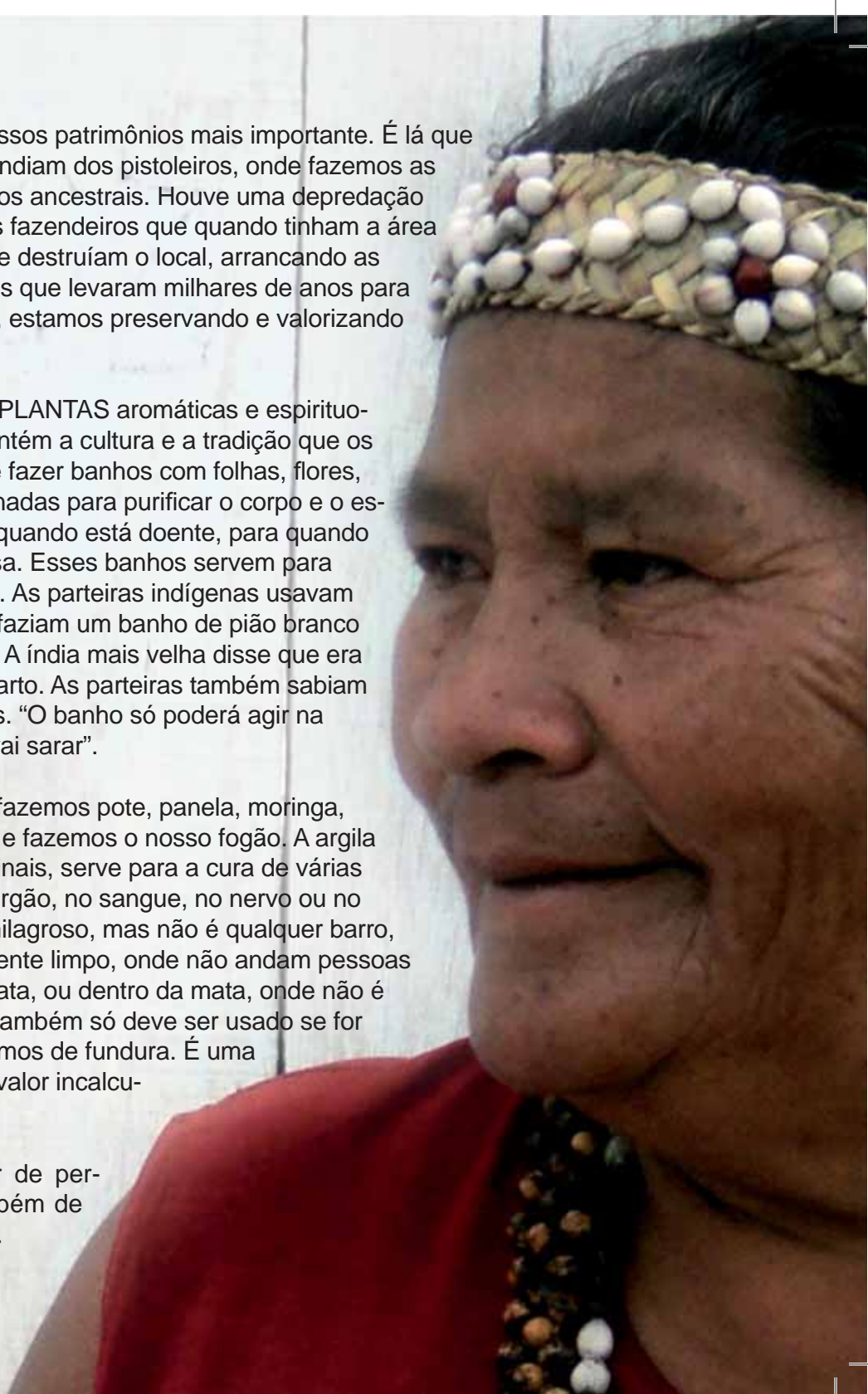
Na mata encontramos raízes, folhas, cipó, resinas, seivas medicinais que servem para diversos tipos de doenças como os nossos idosos têm ensinado aos mais jovens. O coco sapucaia era bastante usado pelos antepassados como alimento e também como remédio; o jatobá é uma árvore muito utilizada para a medicina, para fazer xarope e tônicos para o fortalecimento do organismo e também como energético. A Gruta Milagrosa é uma local que nós índios temos um grande respeito, pelo seu valor espiritual.

A Gruta da Milagrosa é um de nossos patrimônios mais importante. É lá que os nossos antepassados se escondiam dos pistoleiros, onde fazemos as nossas orações e o contato com os ancestrais. Houve uma depredação do lugar, devido à exploração dos fazendeiros que quando tinham a área em sua posse levavam visitas que destruíam o local, arrancando as estalagmites e estalactites, pedras que levaram milhares de anos para se formar. Hoje, em nossa posse, estamos preservando e valorizando essa obra da criação de Deus.

OS BANHOS PODEROSOS DE PLANTAS aromáticas e espirituosas. A maioria do nosso povo mantém a cultura e a tradição que os nossos antepassados usavam de fazer banhos com folhas, flores, galhos, raízes de plantas selecionadas para purificar o corpo e o espírito. Tem banho para a pessoa quando está doente, para quando vai viajar e quando chega em casa. Esses banhos servem para melhorar o estado físico e mental. As parteiras indígenas usavam muito nas índias gestantes. Elas faziam um banho de pião branco que facilitava o trabalho de parto. A índia mais velha disse que era muito raro morrer uma índia de parto. As parteiras também sabiam de rezas que eram muito eficazes. “O banho só poderá agir na pessoa se acreditar e ter fé que vai sarar”.

COM O SANTO BARRO (argila) fazemos pote, panela, moringa, forno, construímos nossas casas e fazemos o nosso fogão. A argila também tem propriedades medicinais, serve para a cura de várias enfermidades do corpo, seja no órgão, no sangue, no nervo ou no osso. O BARRO tem um poder milagroso, mas não é qualquer barro, ele deve ser retirado de um ambiente limpo, onde não andam pessoas direto, e fique próximo de uma mata, ou dentro da mata, onde não é jogado cadáveres de animais. E também só deve ser usado se for coletado depois de cavar três palmos de fundura. É uma matéria que para nós índios tem valor incalculável.

O DEFUMADOR é uma formar de perfumar o local de moradia e também de ritual do CRUZEIRO SAGRADO.



Ele, para nós, tem o poder de limpar o local dos espíritos maus, e trazer alegria e felicidade ao ambiente. Adoramos comer caças, peixes e derivados da mandioca. Os nossos antepassados se alimentavam de inhame, raízes, frutas, mandiocas, coco sapucaia, de animais assados na brasa. Tudo extraído na nossa terra era em abundância, o consumo dos povos indígenas não prejudicava o equilíbrio da natureza. Atualmente, uma boa parte da comunidade mantém essa herança deixada pelos nossos antepassados, o respeito à natureza, aos rios, os pássaros, à lua, ao sol, a chuva, os momentos de escassez e de abundância.

O nosso maior patrimônio é a nossa terra, embora a maior parte se encontre na mão dos fazendeiros. Um dia iremos ocupá-la e iremos deixar que a natureza se regenere. A terra que hoje ocupamos está muito doente, retomamos dos fazendeiros que destruiu tudo para criação de gado. Que teve por consequência a seca dos rios e também a poluição dos que ainda restam. Hoje é uma terra que está na fase de se recuperar, para, quem sabe, no futuro, as nossas gerações possam viver com alegria e equilíbrio com a MÃE NATUREZA.

Dos lugares que no passado brotavam água, resta hoje apenas um sinal do que um dia foi um córrego. A violência que os fazendeiros fizeram com as nossas terras é totalmente irracional. Muitas pastagens que guardam sobre o capim tocos de troncos de árvores sinalizam que ali um dia foi uma mata.

As orações dos nossos antepassados também são uma preciosidade, tem idoso que faz oração que controla o fogo, ou seja, apaga o fogo. Quando uma mata está sendo incendiada ou uma plantação, alguns dos mais velhos fazem uma oração, usando apenas alguns ramos nas mãos. Oração para sarar um doente espiritual, para desengasgar um animal ou até mesmo uma pessoa. Oração para combater pragas da plantação. As nossas orações têm como base o nosso bondoso Deus Tupã. Ele é quem faz o milagre, apenas o índio pede a ele através da oração.

Nosso patrimônio está ameaçado e o pouco que resta tem de lutar contra o poder absurdo que oprime os mais fracos. Só temos a natureza para nos defender, por que a justiça dos homens brancos não funciona em nosso favor. Aqui os fazendeiros matam os nossos parentes e quem é processado so-



mos nós. O fazendeiro tem do seu lado a justiça dos homens e tem arma de fogo para nos reprimir. A globalização, as potências dos mercados, das indústrias, das religiões, das monoculturas estão ameaçando a nossa cultura, os nossos costumes, tradições, a nossa natureza. A nossa terra está doente, os rios poluídos e ameaçados de secar, mas mesmo assim queremos tê-la de volta, precisamos cuidar disso tudo urgentemente.

Aqui em nossa aldeia temos uma organização social, temos caciques, temos lideranças, conselho dos anciões e a comunidade. Temos associações que procuram ajudar a comunidade e alguns grupos de trabalhos.

Ainda mantemos a tradição da bênção. Aqui os mais novos pedem a bênção aos mais velhos e também aos pais, o que tem fortalecido o nosso povo.

As expectativas para o nosso futuro é de que um dia possamos ter de volta a nossa terra. Que os nosso parentes que foram tombados (assassinados) por essa terra, que a morte deles não fique impune e tão pouco em vão. E que as religiões respeitem as organizações culturais e sociais da nossa comunidade.

“Mesmo a nossa terra degradada, mesmo os rios poluídos e ameaçado de secar no futuro, devido aos desmatamentos, nós queremos tê-la de volta. Para nós cuidá-la”.

Entrevistadas: Dona Maura Rosa Titiá e Dona Judite de Jesus

Texto: Fabio Titiá - Baenã Pataxó Hãhãhãe
<baena.hahaha@indiosonline.org.br>



Quando falamos em riqueza nos vem à mente logo algo material. E limitando nosso pensamento a isso esquecemos que nossos valores vão além do que podemos ter posse. Não existe riqueza maior do que a do conhecimento, pois nunca poderão roubar de nós. É refletindo sobre isso que conseguimos perceber que a maior riqueza para nós Potiguara está nas histórias e no grande conhecimento que adquirimos conversando com nossos mais velhos. Eles são o verdadeiro patrimônio de nosso povo.

Uma referência para os jovens Potiguara é o Sr. Severino Fernandes, liderança de nosso povo, que durante sua juventude deu o sangue pela luta na demarcação de nosso território. Seu Severino fez da sua vida o movimento indígena, é a ele que devemos agradecer, pois se hoje avançamos tanto em nossa caminhada esse grande guerreiro tem uma contribuição considerável nisso.

Mesmo doente e com seus 85 anos ele não parou de lutar e atualmente participa do que acontece na aldeia aconselhando as lideranças mais jovens.

Outra riqueza para nosso povo é Dona Maria José, viúva da liderança Manoel Ciríaco, que também lutou junto com Severino Fernandes na demarcação de nossa terra.

Dona Maria sempre está rodeada de filhos, netos, bisnetos e demais pessoas da aldeia com quem conversa lembrando “histórias de seu tempo de mocidade”. Todos a chamam carinhosamente de “mãinha”.

Ela é um poço de conhecimento e faz questão de repassar isso adiante.

O presente não acontece sozinho, alheio ao passado. Hoje somos jovens e futuramente seremos o alicerce de nossas comunidades, pois estaremos carregados da sabedoria que adquirimos ao longo da vida.

Somos como árvores que necessitam das raízes e de solo fértil para sobreviver. Os nossos anciões representam essa fertilidade e nos fazem viver com sabedoria.

O nosso ritual, que é algo tão importante para nós, que contribui tanto para levantar e fortalecer nosso povo, não estaria tão presente hoje se nossos troncos velhos não estivessem conosco nessa trajetória. Apesar das transformações inevitáveis ao longo dos tempos, a essência permanece, pois eles estão conosco.

É papel de nossos mais velhos colaborarem na preparação das crianças para que se tornem futuras lideranças comprometidas e que sejam atuantes na luta pela conquista de nosso território e pela garantia de nossos direitos.

É dessa forma que sobrevivemos e continuaremos a perpetuar o nome de nosso povo Potiguara, bravos guerreiros do litoral que resistiram e ainda o fazem mostrando para a sociedade envolvente a nossa verdadeira história.

A riqueza de um povo



Jaqueline Ciríaco- Irembé Potiguara
<irembe@indiosonline.org.br>



O colonizador expropriou o índio de seu patrimônio

Sabe-se que os povos originários da América existem há mais de 11 mil anos. Quando o Brasil foi invadido pelos portugueses, em 1500, havia aqui mais de 10 milhões de indígenas, cada um vivendo a sua cultura, criando seu próprio patrimônio cultural.

Com o contato com os europeus fomos obrigados a absorver várias informações, assumir um modo de vida diferente. Fomos humilhados e negados como seres humanos. Consideravam-nos seres inferiores.

Na realidade, nós povos indígenas sempre tivemos –e temos – nossa própria organização e nossa própria forma de lidar com as situações do dia a dia.

O domínio que sofremos não foi apenas territorial, cultural e organizacional. Para sobreviver, tivemos que absorver a cultura do não índio e muitas vezes negar nosso próprio patrimônio cultural. Impuseram-nos um novo modo de vida, uma nova cultura e uma nova lei.

As nações indígenas sempre tiveram suas próprias formas de resolver situações conflitantes, mas tivemos que absorver as leis dos não índios.

O Brasil se formou como um Estado de Direito, um direito imposto a nós indígenas, legítimos donos deste território.

Hoje vivemos em um mundo onde temos que nos enquadrar a uma realidade e normas que não fomos nós que criamos. As leis são inventadas pelos não índios.

Existe uma grande quantidade de leis que tratam dos interesses indígenas, mas tais leis foram feitas pelos não índios, esquecem eles que as comunidades indígenas sempre tiveram – e temos ainda – nossos regimentos locais, nossas normas de conduta.

Quando um indígena cometia algo que prejudicasse a sua comunidade ou algum parente, as lideranças locais sabiam como resolver o conflito. Cada povo tinha suas próprias regras. Fomos obrigados a nos adequar primeiro às regras da Igreja com todos os seus pecados e punições, depois vieram as leis da coroa, depois, da República, e ainda hoje continuamos a nos adequar, a transformar nosso patrimônio cultural tradicional para poder sobreviver nessa Terra hoje chamada Brasil, nossa Terra Tradicional.

Potyra Tê Tupinambá
<potyratupinamba@indiosonline.org.br>

Aldeia Itatim (Pedra Branca) - Paraty Mirim

Nossa Aldeia é muito pequena, nossa área é de 79 hectares e fica no pé da montanha, que é muito cheia de pedras. Somos 37 famílias, sendo 210 pessoas, nossa população cresce e pouco é o espaço que sobra. Não temos mais espaço para fazer as casas nem para plantar.

Aqui temos nosso artesanato tradicional, que é passado de pai para filhos. Se não passarmos para nossa família, ninguém aprende, e pode perder a cultura. O artesanato é feito na maioria pelos homens, as mulheres ajudam e depois vendem nas cidades. O problema é que por falta de espaço para os parentes eles estão saindo para trabalhar fora e acabam tendo contato com outras culturas e esquecem da sua própria. Nossa sorte é que nosso dialeto é falado por todos aqui na aldeia, muitos ainda nem falam o português diferente.

Não tem como um povo viver duas culturas se uma parte da comunidade mantém a cultura dela e a outra parte vive outra cultura, aí nunca irão se entender. Tudo irá acabar, vai se perder, pois a comunidade nunca irá viver bem, nem uma cultura nem a outra!

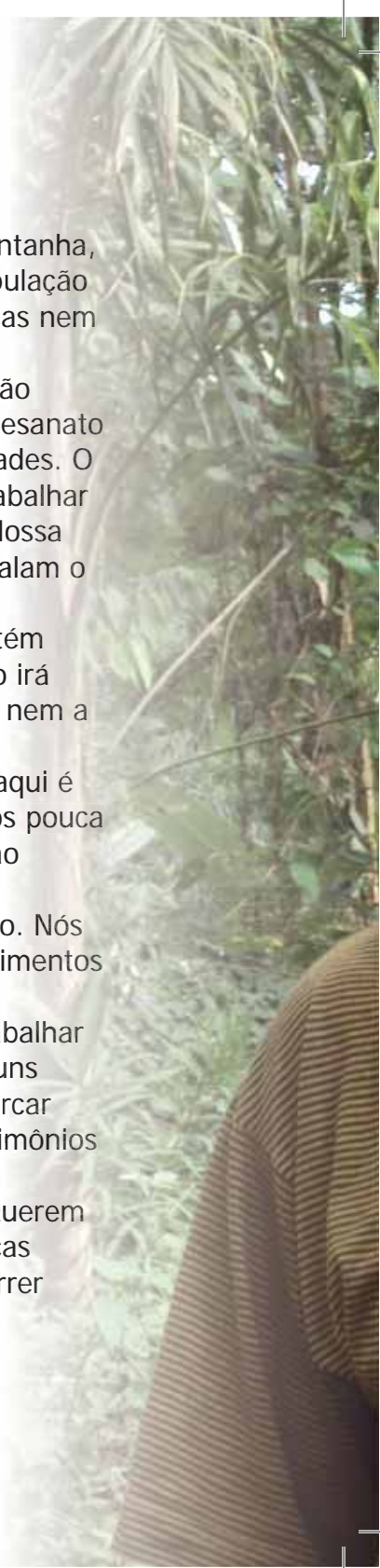
As matas, os bichinhos cantando, ver os passarinhos animam as pessoas, mas aqui é difícil encontrar animais. O crescimento, o desmatamento aqui foi demais, temos pouca água e o pouco que temos é poluída. É uma das coisas que faz com que nós não tenhamos uma vida de qualidade.

Aqui nosso patrimônio está se acabando, o ser humano está acabando com tudo. Nós só podemos trabalhar em nosso espaço com os jovens para repassar os conhecimentos antigos.

Só que com este crescimento das cidades ao redor nós estamos saindo para trabalhar em outras coisas fora da aldeia, e com o crescimento da população daqui a alguns anos não vai dar para todos, precisaremos ver outras áreas para a FUNAI demarcar para nós. Já estamos perdendo espaços para igrejas evangélicas, o nossos Patrimônios estão ficando esquecidos.

Mas ainda temos muitas coisas vivas, como nossos cantos e danças, orações. Querem conhecer a casa de reza? Lá é onde ainda fazemos nossos rituais, muitas crianças participam das rezas e dos cantos das danças, e assim é que não deixamos morrer nossa parte religiosa.

*João Mbya Guarani
Vice-cacique de Itatim (RJ)*





O DIGITAL NA DEFESA DO PATRIMÔNIO

Dia 3 de Fevereiro de 2011, outra vez uma liderança do Povo Tupinambá de Olivença é presa injustamente. Primeiro foi o Cacique Babau, depois seus irmãos Givaldo e Glicélia. Agora foi a vez da Cacique Maria Valdelice – Jamopoty.

Hoje ser um líder de um Povo é ser criminoso. Retomar nosso Território Tradicional, já que o Estado não cumpre com seu compromisso virou esbulho possessório. Agir coletivamente (marco tradicional de todos os povos indígenas) virou formação de quadrilha. Lutar por nossos direitos negados pelo Estado Brasileiro virou exercício arbitrário das próprias razões...

O Estado Brasileiro tem uma dívida histórica com os Povos Indígenas. É preciso, mais que urgente, que todos os cidadãos brasileiros somem forças para cobrar que esta dívida seja definitivamente paga com a demarcação dos Territórios Tradicionais. É por causa dessa inércia do Estado que somos obrigados a fazer por nossa conta e risco a autodemarcação de nossos Territórios Tradicionais.

Nós Indígenas não somos invasores de terras.

Quando o Brasil foi invadido pelos portugueses aqui já existiam os hoje chamados indígenas. Nossos ancestrais já habitavam este território denominado Brasil.

De <potyratupinamba@indiosonline.org.br>



Mais informações: www.indiosonline.org.br



Hoje, 6 de Maio de 2011, nossa cacique Jamopoty ainda continua presa, sem poder exercer a função de liderança, de mãe, de avó que é... Esta é a forma mais covarde de engessar um movimento social que luta por justiça... Justiça contra massacres, contra discriminação, contra sermos sempre excluídos. A dívida que o governo tem com nosso Povo é por tudo que sofremos nos últimos séculos e continuamos sofrendo até os dias atuais... Uma reparação que não irá devolver os guerreiros que perderam as suas vidas para proteger o Povo, o Território e a cultura tradicional.

O mínimo que podem fazer é Demarcar o nosso Território Sagrado... Mas não, eles querem mais guerras, mais indígenas mortos, mais crianças sem seus pais, crescendo à margem da sociedade...

Para quem diz ter como prioridade em seu governo combater a fome e a pobreza, a exclusão e a desigualdade social, suas atitudes e a do seu Governo não demonstram isso. Será que a Presidente da República, Dilma Rousseff, não sabe o que passa por aqui?

O Povo Tupinambá de Olivença sobrevive em uma região que sofre a influência da elite do cacau, "o resto dos coronéis" que são os políticos ditadores que participaram da distribuição de títulos em cima de nossa terra sagrada, onde fazendeiros e até juizes se apossaram das terras, formaram suas fazendas, fizeram mansões para turismo, degradando a Mata Atlântica, os manguezais e o mar, matando e levando a extinção animais nativos de nosso Território.

Nossas lideranças se levantam contra esses maus feitores e por isso são presas e ate assassinadas. Lutamos hoje para que outros filhos e netos indígenas não precisem ver sua liderança, seu pai ou mãe, sendo acusados de formação de quadrilhas pelos verdadeiros chefões de quadrilha.

No dia 4 de Abril de 2011 a Polícia Federal fez mais uma operação confidencial, sem comunicar a FUNAI, esta ação, na Aldeia Siririba. O parente Nerivaldo – pescador, pai e avô – voltando do mar encontra a Polícia Federal entrando armada em sua Aldeia. Foi recebido a tiros e baleado na perna, levado para o Presídio Ariston Cardoso, no município de Ilhéus (BA). Foi negado atendimento médico ao indígena e a consequência do descaso resultou na amputação de sua perna ferida. Dias depois, na sexta-feira, 29 de Abril, mais três índios Tupinambá são presos, entre eles o cacique Gildo da Aldeia Siririba, mantidos presos até hoje.

Estamos sendo condenados por lutar pelos nossos Direitos, enquanto os verdadeiros criminosos continuam a enriquecer às custas de nossa terra.

Demarcação, já! Para nós construirmos nosso mundo Tupinambá, com a cara Tupinambá, para viver em paz em terras Tupinambá, como índios Tupinambá, fazendo resistir a nossa cultura tradicional, como os guerreiros Tupinambá de todas as décadas fizeram.



De <jaborandy@indiosonline.org.br>



Patrimônio de longa data

A alegria para nós indígenas chegará quando a gente for respeitado.

A ganância dos latifundiários está adoecendo nossa Mãe Terra. Aqui em Água Vermelha os fazendeiros sabem que o território é indígena, mas fazem de conta que não é. Alguns deixam um funcionário engordando gado em espaços que poderíamos colocar mais de 50 famílias de indígenas e tirá-las da fome. O Supremo Tribunal Federal vêm protelando o tema de nossas terras há 29 anos, favorecendo assim o enriquecimento dos fazendeiros e a fome dos nossos parentes. Todos eles sabem que havia mais de cinco milhões de indígenas no Brasil quando eles invadiram e que hoje somos só um milhão.

No início de 2011, Tupã manda mais provas: nossos parentes indígenas estavam preparando a terra para fazer um plantio quando toparam cerâmicas. No dia 1º de março uma equipe de pesquisadores UFBA veio até Água Vermelha apurar os fatos e declararam que esse material é de índios que viveram há muito tempo nesta aldeia, provavelmente aqui é um cemitério indígena. Eles fizeram a escavação e retiraram três urnas, duas grandes e uma pequena.

O caixão de nosso povo era de cerâmica e tinha um formato parecido com o de um ovo, com detalhes em volta da borda, adornos reverenciando nossos mortos, o que nos transmite que eram feitos sem pressa. Encontrou-se também cachimbos, ferramentas de pedra, fusos para tirar linhas e sinais de moradias.



Para nós, Pataxó Hãhãhãe, é uma grande prova que a justiça não tem como julgar errado, favorecendo os latifundiários. Nós lutamos por um mundo mais justo e igual para todos e por respeito às comunidades indígenas espalhadas por todo nosso Brasil.

Este texto foi feito em forma coletiva por indígenas Pataxó Hãhãhãe.

Nós *tira* batata, a mandioca, a macaxeira, e todo feijão, tudo para a gente sobreviver. Tudo é da terra. E então a gente tem que zelar muito por ela. Da terra nós *sobrevive*, cria nossos filhos e pela terra a gente faz tudo. Quando nós fomos para retomar nosso território, corremos, lutamos, e muitos tombaram nessa luta. Nós temos muitos guerreiros nossos que tombaram nessa luta, mas os que sobrevivem estão na terra. Nós zelamos muito por ela, porque a terra é tudo para nós. A terra, para nós, é sagrada. É nossa mãe, nosso pai. É tudo para nós.

Caboco, liderança Truká, Ilha de Assunção (PE)

A terra é tudo para nós



Meu nome indígena é Arurã Pataxó. Há seis anos eu sou cacique aqui na aldeia Barra Velha. Todos nós índios vivemos de acordo com nossa cultura, nossos costumes. Cada etnia usa costumes diferentes uma da outra. A gente hoje trabalha muito em cima da cultura porque a cultura é nosso sustento. A cultura nos fortalece.

Nós temos uma forma própria de organização social.

Dentro da aldeia, a gente tem vários grupos onde cada grupo tem seu representante, seu chefe. Eu estou ajudando como cacique. A gente tem grupos da agricultura, da pesca, de artesões, do meio ambiente, de esporte. Aí cada representante de um grupo é considerado como liderança. Quando a gente quer fazer uma reunião para estar discutindo as coisas e os projetos da comunidade a gente chama todas as pessoas. Então a gente também pensa nesse objetivo da comunidade, ficando melhor para trabalhar e ter conhecimento do que tem que fazer. Cada grupo, cada povo tem seu costume, seu jeito de viver dentro da sua própria comunidade. Passando em cada comunidade você vai ver a realidade de cada povo. A gente fala que os Pataxó aqui do Extremo Sul baiano é um povo só, mas se você andar em cada comunidade, cada liderança, cada cacique tem seu modo de trabalhar com seu povo. Eu hoje estou com seis anos de cacique, Tururim, na época dele, trabalhou 22 anos, é uma pessoa guerreira, uma pessoa de luta, tem Alfredo que foi vice-cacique de Tururim, tem Palmiro, uma liderança, tem o pajé que são as pessoas mais velhas que estão ainda na aldeia, são pessoas guerreiras que a gente considera com muito respeito porque eles foram os primeiros guerreiros que lutaram, pisaram no chão mesmo, deram caminhadas para correr atrás desse território, para a gente ter esse direito de estar aqui hoje. Se não fosse eles a gente não estava hoje aqui. Então a gente tem esse respeito muito grande por eles, pela luta deles, pelo trabalho que eles fizeram.



Ao encontro dos Tamuya

Pela eternidade ecoa as vozes ancestrais – vozes Tupinambá – e o passado se firma no presente, fazendo o futuro, pois de um solo coberto de sangue e lágrimas renasce um povo. Povo dito como extinto e morto.

Os sobreviventes dos massacres deixaram saberes como herança para seus descendentes, o caminho para o encontro dos ancestrais, os Tamuya, a chave para o despertar de suas identidades. Ao encontro da Pajé de sangue Tupi, Maria Laurinda, nascida em Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro, vai minha *anga*, ela foi “pega a laço” e morta com uma bala no peito em um conflito na região de Itaipu; vou ao encontro também de sua filha que ficou sob os cuidados da família do pai quando ela faleceu, sofrendo preconceito e maltratos por ser mestiça, Ignez Nepomuceno Castrioto, e ao encontro de sua filha, minha avó, Emilia, que permaneceu firme nas raízes, dedicando grande parte da sua vida à pajelança, sempre com muito orgulho falando de suas origens.

Mergulho para resgatar suas histórias, conhecimentos tradicionais, cantos, sonhos e palavras sagradas. Memórias e saberes orais que o tempo não foi capaz de apagar e de geração a geração continuaram, mesmo com o “fim das aldeias” na cidade de Niterói.

Nós, Tupinambá do Rio de Janeiro, estamos espalhados pelo estado, muitos escondidos pela história contada pelo europeu e ensinada na escola, que ensinou a muitos a negar sua própria história, camuflando suas identidades nas multidões das cidades, engolindo seus saberes na poluição da vida urbana.

Os descendentes dos povos Tupi que habitaram o Rio de Janeiro e conseguiram preservar muitos dos saberes tradicionais são os que se encontram em algumas comunidades tradicionais, em enseadas e lagunas do litoral, de Cabo Frio até Angra dos Reis. Principalmente em comunidades caiçaras é possível ver muitos índio descendentes, que cada vez mais se unem na luta por seus direitos. Resgatando sua identidade, preservando seus conhecimentos, perdendo o medo de mostrar sua verdadeira face e origem.

Em tantos corpos pulsam sangue Tupi, mas nem em todas as essências está a identidade Tupinambá. Aqueles que sentem em seu sangue e saberes o pulsar das raízes Tupieté provam que nada pode apagar quem somos. A vestimenta e aparência de nossos corpos podem mudar alguns costumes, a língua, nossos nomes, mas nossa essência é a mesma, nossa essência é nosso patrimônio imaterial, ela está viva e sempre se renova, através dos tempos estamos sempre aprendendo com a natureza que é viva como nossa essência.

O que nos faz Tupinambá é aquilo que pulsa em nossos corações, emoções, sentimentos, palavras, é aquilo que está em nosso instinto desde que nascemos, que está na nossa maneira de ver a vida, nossos saberes tradicionais e cultura, passados de geração a geração de forma oral, que nos

faz fortes quando pisam em nossas almas, cospem em nossa cultura e traem nossa amizade. Nossos Pajés sabem que a cada respiração a magia da vida nos conecta a todos os seres, nesse momento nosso coração não pertence apenas a nós, mas a toda humanidade, porque no vento existem palavras adormecidas esperando serem escutadas, são como melodias escondidas esperando para despertar corações adormecidos e doentes. E que os sonhos muito ensinam e mostram. É preciso abrir os olhos para os vários mundos, pois no vento ecoam mais de mil vozes de tempos diferentes.

O concreto cresce com força sobre os solos que são sagrados, envenenando a vida que brota da terra, assim como o ser humano que se deixa dominar pelo consumismo e individualismo destrói a si próprio, poluindo o pulsar da vida em seu coração, servindo a um sistema que não sabe respeitar as diferenças. Onde “máscaras” escondem a essência do homem, a omissão mata, vozes são abafadas na multidão, vidas são roubadas e a verdade é silenciada por ser uma ameaça.

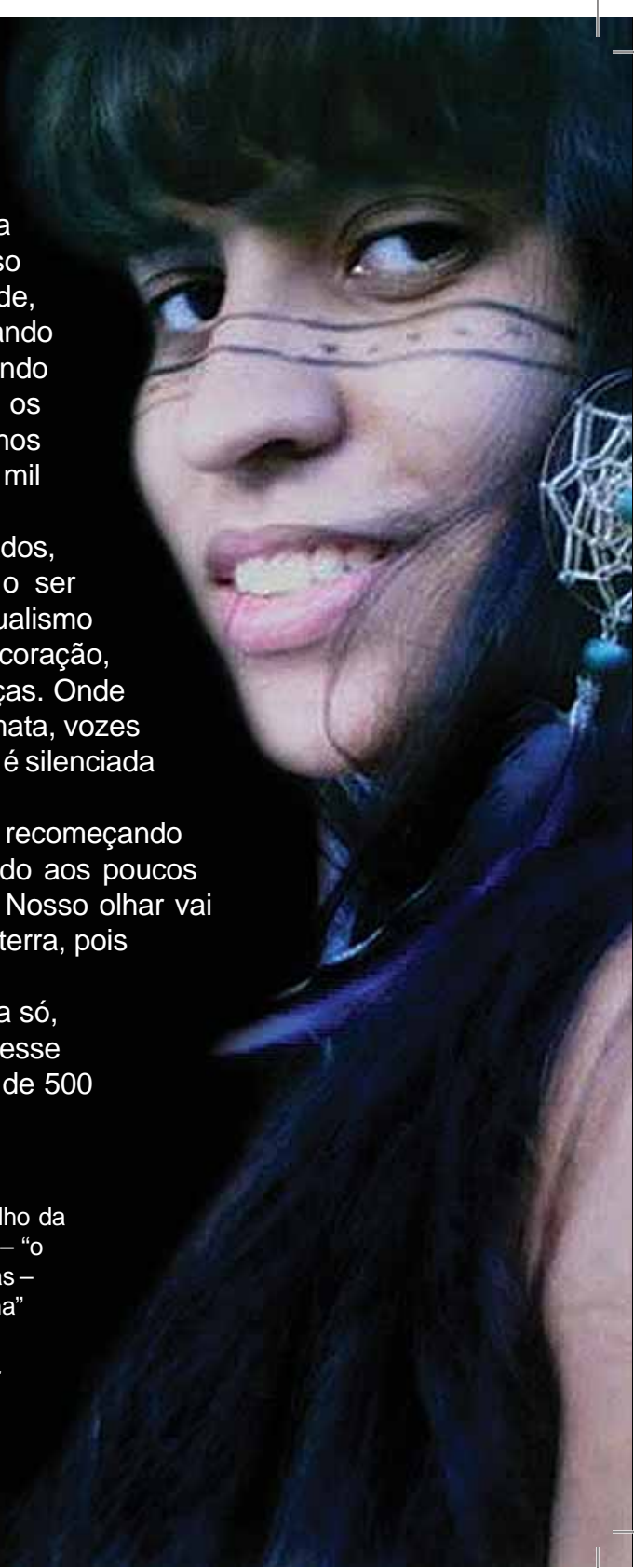
Ser Tupinambá hoje é nascer novamente todos os dias, recomeçando depois de mais de 500 anos de silenciamento, resgatando aos poucos quem fomos um dia, com a ajuda de nossos ancestrais. Nosso olhar vai longe porque profundas são nossas raízes no coração da terra, pois somos os mais antigos, os primeiros.


Quando uma gota de luz se junta a outras ela se torna uma só, precisamos nos unir novamente, libertar os gritos presos nesse solo, contar nossas histórias, ser quem somos e há mais de 500 anos não nos deixam ser.

Glossário

*Aracy – “Mãe do dia”; *Niterói – “Águas escondidas”; *Itaipu – “Barulho da água do mar batendo na pedra”; *Anga – “Alma, sombra”; *Tamuya – “o avô, o mais velho, o mais antigo”; *Tupieté – “Tupi verdadeiro”; *Caiçaras – “caa significa galhos, paus, mato, enquanto que içara significa armadilha”


*Renata M. S. Rodrigues - Aracy Tupinambá de Niterói, Rio de Janeiro.
aracytupinamba@indiosonline.org.br*



A close-up portrait of a young indigenous woman with a large, intricate headdress made of dark feathers. She has a gentle smile and is looking slightly to the left of the camera. She is wearing a dark green, textured shirt. The background is a blurred outdoor setting with a thatched roof and a tree trunk.

Todo mundo pensa que para ser índio tem que ter os cabelos lisos, os olhos puxados, ser morena. Mas não é assim. Isso não interessa! Aqui não vai ter um índio de Cabelos lisos, bem moreninho, do jeito que era antes. As pessoas acreditam que o índio não pode ser formado, não pode sair da aldeia, ele tem que viver do jeito que era antes, permanecer pescando, caçando, andando nu... Mas eu acho que a cultura indígena é preservar nossos costumes, dançar, e fazer outras coisas que a gente aprende uns dos outros. E a gente tem que entender que não é porque se civiliza, não é porque vai se formar que a gente vai deixar de ser índio. O índio está no sangue, está no que a pessoa traz dos seus ancestrais. Não é porque me formei que eu vou deixar de ser índia, não! Todas as pessoas têm que saber o que é um índio de verdade: índio não está na cor da pele, não está no cabelo, está no que tem dentro do coração, no que tem na cabeça.

Acho que o que tudo mundo aqui vê como patrimônio é as dificuldades que a gente enfrentou para conseguir chegar aqui hoje. Isso é patrimônio, é a nossa



história. Porque quando a gente chegou aqui, ninguém aceitava, ninguém apoiava. Todo mundo estava contra. Mas sem desistir, continuamos lutando, lutando, e conseguimos, conseguimos nossos direitos, porque lutamos com fé. Tudo que você vê aqui hoje, é luta e força. E isso é o nosso patrimônio, a luta e o que conseguimos com a luta.

*Luciana Bispo dos Santos
(18 anos)
Truká da Ilha de Tapéra,
Oroco - PE*

Somos indígenas



As escolas aqui eram todas municipais, a gente não tinha um plano de aula voltado para nossa realidade. A gente ia preparar as aulas lá na cidade, juntos com pessoas da cidade. A aula que se dava aqui era a mesma que se dava lá. A realidade que a gente levava lá para a escola era a realidade do branco. O conteúdo era de lá, a gente não podia trabalhar a questão da nossa cultura, da nossa agricultura, história, geografia, a questão do Toré, porque era proibido. E a gente estava querendo muito trabalhar isso, porque queria colocar a cultura para frente, transmitir os nossos valores para as crianças. Valorizar a dança do Toré, os costumes do dia a dia do povo Truká...

Então, a gente fez uma retomada na educação. Foi levar documentos legais, como a constituição, e a gente foi ver nos artigos que dão direito a uma educação diferenciada, e a gente lutou para ter uma educação diferenciada, voltada para nós povos indígenas. Diante desses documentos, e com o apoio de ONGs, a gente foi se preparar, fazer movimentos, congressos, e lutar por essa educação diferenciada. E assim a gente conquistou.

Hoje nossas escolas estão estadualizadas. A gente tirou os nomes das escolas, que eram nomes de pessoas dos brancos, de lá, pessoas que a gente nem conhecia, que não tinha nada a ver, e a gente botou os nomes de pessoas do nosso povo mesmo.

A gente foi construindo o nosso plano, de acordo com a nossa realidade, foi de porta em porta pesquisar com os mais velhos, saber o que realmente eles queriam que a gente passasse para os alunos. A gente construiu livros também. E aí a gente pode mostrar para o aluno que o Toré é importante, que a história do índio é importante, que são eles que vão dar continuidade.

A gente fez essa retomada na educação, para poder passar os valores do povo Truká e a história verdadeira, a história da luta, das retomadas e das conquistas. A gente trabalha o específico do povo Truká, mas traz também a interculturalidade, porque o nosso aluno está aqui hoje, mas amanhã, ele pode estar lá fora, ele tem que conhecer e saber lidar com outros lugares também. A gente trabalha a interculturalidade para que ele esteja dentro da história do seu povo, mas também dentro da história do Brasil e do Mundo.

Iranilda, professora, Ilha de Assunção, Cabrobó (PE)

Retomada na Educação





Vivemos hoje, dentro da nossa nação, a realidade da discriminação, onde os livros de história só retratam o índio de 500 anos atrás, um índio que vive despido, que vive da caça e da pesca, que vive no mato, e sem contatos com outras pessoas. Mas se esquecem de que o nosso país foi invadido pelo homem branco, de que nossa cultura nos foi tirada pelo homem branco.

Nossa tradição, ano após ano, é afetada, e dela temos sido apartados. Fomos obrigados a esquecer a nossa cultura e aprender a cultura do homem branco, considerada como a única capaz de fazer o desenvolvimento. Por isto, eles dizem que precisamos adotar esta cultura, pois precisamos nos desenvolver como o homem branco.

Nós índios vivemos um momento em que registramos algumas grandes conquistas. Temos resgatado muito de nossas tradições, de nossa história, da memória de nossos ancestrais. Temos recuperado, apesar das dificuldades impostas pela Justiça do homem branco, a posse de nossas terras, nosso principal patrimônio.

Depois de mais de 500 anos sob o jugo do colonizador conseguimos revitalizar algumas de nossas línguas, reestruturar a organização social de nossas aldeias, retomar a prática dos rituais ancestrais que honram a memória de nossos antepassados, e esse resgate da tradição nos renova as nossas forças e nos dá ânimo para as nossas lutas.



Afirmando nossa cultura

Hoje nós Pataxó somos um povo, somos uma aldeia que luta pela sua cultura tradicional e vivemos em perfeita harmonia com a natureza.

Conta a tradição que, no passado, o povo Pataxó vivia da caça e da pesca. Porém, hoje somos impedidos de viver de nossa forma tradicional, como nos tempos em que os índios podiam transitar livremente pelas matas. Hoje mal podemos caminhar por entre as matas remanescentes. Entender a lei do homem branco é difícil. Esta lei tudo permite aos brancos, enquanto a nós, índios, que somos os verdadeiros donos do país que o homem branco denomina de Brasil, nem o direito de escolher o nome da terra em que vivemos nos foi dado.

Através da nossa luta queremos demonstrar para nossa nação que somos fortes, que vivemos, que existimos, que temos o propósito de nos envolver no desenvolvimento da nossa nação, de demonstrar que podemos desenvolver junto com o nosso país sem perder nossa cultura, nossa tradição e nossa expectativa de viver totalmente o que somos. E o que somos é ser indígena, ser Pataxó, ser aldeia Tibá.

Wekanã Pataxó pataxí Tibá Awêry Niamis Awêry hotxomã anehöp

A ONG Thydêwá quer agradecer a todos seus parceiros que nos últimos anos têm cooperado com nossas ações de valorização do patrimônio cultural e a promoção do diálogo intercultural. Agradecer especialmente o protagonismo de muitos indígenas, de alguns prêmios que nos outorgaram - estimulando-nos a seguir nosso caminho - e a confiança de várias instituições:

“Índios na visão dos índios” recebeu os seguintes prêmios:



Prêmio Rodrigo Melo Franco
de Andrade 2004



Prêmio "Somos Patrimônio 2008"



Prêmio Mídia Livre 2010

As ações que possibilitaram a realização dos mesmos contaram com o apoio de:

Ministério da Cultura
Ministério da Educação
Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas
Banco do Nordeste do Brasil
Instituto Oi Futuro
BrazilFoundation
Rede Índios On-Line



THYDÊWÁ

A ONG Thydêwá agradece a divulgação das realidades indígenas.
Outros títulos desta coleção estão disponíveis para download livre em:

www.indigenasdigitais.org